

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEDUC**

ALDACI SANTOS LOPES

**TELEVISÃO E MEDIAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO NA EJA EM BOA VISTA DO LOBATO**

Salvador
2011

ALDACI SANTOS LOPES

**TELEVISÃO E MEDIAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO NA EJA EM BOA VISTA DO LOBATO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Olivia de Matos Oliveira

Salvador
2011

L864

Lopes, Aldaci Santos

Televisão e Mediação: Estudo de caso na Eja em Boa Vista do Lobato/ Aldaci Santos Lopes – Salvador,2011.

96 f.: il.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Olivia de Matos Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade. 2011

CDD 374

ALDACI SANTOS LOPES

**TELEVISÃO E MEDIAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO NA EJA EM BOA VISTA DO LOBATO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ____ de _____ de 2011.

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª Maria Olívia de Matos Oliveira – UNEB

Prof. Dr. Osvaldo Biz – PUCRS

Prof^ª Dr^ª Ronalda Barreto – UNEB

A

Deus, a espiritualidade maior, e aos docentes-pesquisadores do mundo, em especial, aos meus eternos educadores Alfredo Silva Lopes e Maria Alda Santos Lopes, que me conduziram e incitaram em meu ser um desejo de fazer educação e produzir uma relação dialógica que promoveu a co-autoria desta dissertação de forma crítica, criativa, olhando para os sujeitos a minha volta.

Pedrinho e Henrique Nascimento, meus amores, pela fonte amor e de parceria interativa.

AGRADECIMENTOS

Chegar à conclusão de mais uma etapa é um momento muito gratificante. No entanto, se chegamos ao fim, foi porque contamos com a ajuda e apoio de muitas pessoas. O meu reconhecimento e agradecimento a cada um de vocês que, de diferentes maneiras, contribuíram para a concretização deste trabalho.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Olivia de Matos Oliveira, por ter aceitado o desafio de orientar esta pesquisa. Obrigada por respeitar os momentos, os silêncios, por sua ousadia, generosidade, competência intelectual e, ao mesmo tempo, por mobilizar ações críticas e criativas.

Aos meus estudantes da Educação de Jovens e Adultos que aprendo a admirar sempre mais a cada nova interlocução e que foi a fonte inicial das inquietações desta investigação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, em especial, às Professoras Tânia Hetckowisk e Lynn Alves, pelas trocas e pelas disciplinas ministradas que foram importantes tanto para esse trabalho quanto para o meu crescimento acadêmico.

Aos membros da banca, professores Osvaldo Biz (PUCRGS) e Ronalda Barreto (UNEB), por aceitarem generosamente o convite ao debate crítico sobre Televisão e as mediações na contemporaneidade e pelas ótimas contribuições no exame de qualificação.

Ao apresentador da Rede Record de Televisão, José Eduardo, que, em meio à correria do trabalho, não titubeou em colaborar com a pesquisa, dando entrevista e colocando-se a disposição ao que foi necessário.

Aos colegas da linha de pesquisa 2 do Programa de Educação e Contemporaneidade da UNEB que me apoiaram neste processo de construção.

Aos companheiros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador (SMEC), em especial, aos professores Kilza Rogaciano, Manoel Calazans, Nilma Brito e Sheila Patrícia da Hora, que, de maneira admirável, respeitaram e me apoiaram neste processo de construção da pesquisa, acreditando ser possível os encaminhamentos deste estudo e sua colaboração no meio educacional.

À minha mãe-amiga, Maria Alda Lopes, pelo orgulho de sermos companheiras de longas jornadas.

Ao meu irmão Adson Lopes, pelas experiências vivenciadas e superadas e pelo sucesso que iremos alcançar sempre juntos.

A Ana Carolina Ayres, por haver acompanhado a construção desta problemática desde o seu nascedouro, sugerindo e vibrando de contentamento com o resultado atual.

Aos meus amigos que me apoiaram e compreenderam os momentos que me privei da companhia de cada um deles.

À Luciene, pelos primeiros passos desta caminhada e pela alegria desta chegada.

À Alone, pelos momentos de reflexões e força que se configuraram em mobilizações para esta escrita.

Às minhas companheiras e companheiros de lutas e esperanças na educação: Josenita Trindade, Ivone Melo, Joselita Damasceno, Roberta do Carmo e Jorge Bispo aos quais, de forma singular e pontual, fortaleceram-me.

À Sandra, Mônica Santos, Ana Karine, pela relação complementar, cúmplice e parceira durante este mestrado e que se configuram em amizade verdadeira;

A Henrique Nascimento, pela leveza e sabedoria com que compartilha sua vida ao meu lado, sem perder de vista nossa felicidade, mesmo diante das turbulências do processo criativo e da maternidade.

Meu muito obrigada!

RESUMO

A pesquisa ora apresentada, de natureza qualitativa, propõe-se a realizar um estudo de caso sobre os jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), refletindo sobre a cultura midiática na qual esses sujeitos estão imersos, quer nos espaços escolares ou da comunidade. O presente estudo teve, como objetivo, o de ampliar a compreensão crítica sobre as relações midiáticas pela televisão, analisando como se comportam esses receptores das mensagens produzidas pelo meio televisivo e o que a escola tem feito para mobilizar os desejos e os saberes destes estudantes. A problemática da pesquisa pode ser delineada através dos seguintes questionamentos: O que pode haver no programa escolhido pela maioria que tanto atrai os estudantes da EJA? Qual o espaço que a televisão ocupa no cotidiano destes sujeitos? Até que ponto a televisão potencializa comportamentos de violência nos jovens e adultos? Como a escola enfrenta a imersão destes sujeitos na cultura midiática? O trabalho buscou desvelar a problemática levantada através de instrumentos variados, tais como questionário, entrevista, grupo focal, tanto quanto o diálogo com o referencial teórico. Os resultados evidenciam que a televisão é para os estudantes da EJA um meio que ensina não só a respeito de conteúdos, mas também sobre situações vivenciadas do dia-a-dia, abordando questões que os levam a pensar em atitudes e valores. As vozes discentes são claramente reveladoras da força do programa televisivo estudado para se compreender o papel dos meios de comunicação na vida da comunidade e na construção da realidade desses estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão. Mediação. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The research presented here is qualitative intends to perform a case study on young people and adults in adult education, reflecting on the media culture in which these young people and adults are immersed either in school or community spaces. This study is aimed to enhance critical understanding about the relations proposed by television media, analyzing how these receivers of the messages produced by the television medium behave and what schools have done to mobilize also desires and knowledge of these students. The research problem can be traced through the following questions: What could possibly be in the program chosen by the majority that attracts students of adult education? What is the space that TV occupies in everyday lives of these people? How far TV potentiates violent behaviors on young people and adults? How schools face the immersion of these subjects in media culture? The work sought to uncover the issues raised through various instruments such as surveys, interviews, focused groups and dialogue with the theoretical reference. The results showed that television is for students in adult education a media that teaches not only about content but also about situations experienced in their everyday lives, approaching issues which lead them to think about attitudes and values. Students' voices clearly reveal the strength of the television program studied to understand the role of media in community life and building the reality of these students.

KEYWORDS: Television. Mediation. Youth and Adults Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA	11
1.2	NOS CAMINHOS DA INTERDISCURSIVIDADE ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO	13
1.3	OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	15
1.4	DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	16
2	CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	21
2.1	A GLOBALIZAÇÃO E OS PROCESSOS DO FAZER HUMANO EM INTERAÇÃO COM O MEIO	21
2.2	A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	28
3	TELEVISÃO E MEDIAÇÃO	32
3.1	TELEVISÃO NA SOCIEDADE	32
3.2	MÍDIA E MEDIAÇÃO: O ESPAÇO ESCOLAR	35
3.3	OS PROGRAMAS TELEVISIVOS NA BAHIA	38
3.4	“EU VI NA TV”: PROGRAMA SE LIGA BOCÃO	39
4	OS SUJEITOS DA EJA NA CONTEMPORANEIDADE	42
4.1	OS SUJEITOS DA EJA	42
4.2	EJA E MÍDIA TELEVISIVA: ELEMENTOS DE COMPREENSÃO PARA A MEDIAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR	45
5	PERCURSO METODOLÓGICO	47
5.1	CONHECENDO O LOCAL DA PESQUISA	47
5.2	CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA	49
5.3	OS SUJEITOS DA PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO	54

5.4	O QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	55
5.4.1	Análise dos Dados e Resultados	56
5.5	ENTREVISTA COM O APRESENTADOR DO PROGRAMA	59
5.5.1	Análise dos Dados e Resultados	60
5.6	GRUPO FOCAL: CARACTERIZAÇÃO	63
5.7	OS GRUPOS FOCALIS	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICES	85
	ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

*“A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro.
O espaço é um dado fundamental nesta descoberta.”*

Milton Santos (1998)

1.1 UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

A memória é fonte de saberes, de vivências latentes numa caminhada de aprendizagens que nos apontam escolhas, interesses e desejos que brotam das relações e mediações no espaço vivido. Assim é que brota a consciência de iniciarmos esta apresentação/introdução com a epígrafe de Milton Santos, reafirmando o desejo de investigarmos sobre a televisão na contemporaneidade junto aos jovens e adultos da Educação de Jovens a Adultos (EJA), tendo como referência o espaço vivido por estes sujeitos. Esta escolha tem origem na minha formação docente, traçada por marcas históricas, e deixadas pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e, posteriormente, pela Especialização em Formação de Professores em Educação à Distância da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Tais vivências foram reforçadas pela experiência como professora da EJA, durante cinco anos, na Escola Municipal Engenheiro Gilberto Pires Marinho, sobretudo, pelas trocas incessantes com os estudantes da EJA. Nesta caminhada, é importante sinalizarmos também a sistematização dos novos conhecimentos por ocasião da participação do Fórum de Pesquisa sobre as Tecnologias da Informação (TIC) e ainda do diálogo com colegas de docência.

As constatações e questionamentos das experiências citadas e a observação do cotidiano dos sujeitos da EJA proporcionaram observar mudanças na comunidade escolar frente às conjunturas sociais, políticas e econômicas que estão sendo expostas pela mídia televisiva. Tais alterações foram latentes no campo dos sentidos e significados que os jovens e adultos dão às imagens que são transmitidas pelos programas televisivos.

Constatamos que os programas jornalísticos mais assistidos pelo grupo são transmitidos ao meio-dia e apresentam, como pauta, a violência urbana, as relações sociais na periferia, bem como se caracterizam como espaço onde as pessoas encontram acesso para

fazer queixas das mais variadas que vão desde as relações interpessoais entre vizinhos, melhorias urbanas, entre outras, até os direitos do consumidor, conforme a dinâmica das relações que são firmadas no contato do telespectador com os referidos programas.

Outro fator elucidador para a caminhada que pretendemos traçar está no fato dos apresentadores de tais programas terem um perfil que favorece a empatia com o público destinatário dessas mensagens, pois elas mantêm um discurso mais próximo do vivenciado por estes grupos sociais, utilizando músicas populares, demonstrando conhecer o universo e necessidades dessas famílias.

O conhecimento, ainda empírico, levou-nos a estabelecer algumas considerações sobre uma possível modificação destes estudantes da EJA, quando mediados pela televisão. De um modo geral, constatamos que: a) A mídia que todos eles possuem é a televisão; b) as mediações feitas pelos programas televisivos estão provocando alterações no comportamento/atitudes dos sujeitos da EJA; c) os jovens e adultos reúnem-se para assistir à televisão, no horário do meio-dia, quando começam programas, como **Se liga Bocão**, **Na Mira** e **Que Venha o Povo**; d) a violência na comunidade escolar que antes causava pavor hoje é banalizada pela potencialização de novidades tecnológicas (como aparelhos celulares com câmeras) que aproximaram ainda mais os jovens e adultos destes programas através de pequenos vídeos, flagrantes de episódios de violência e que passam fazer parte do escopo de notícias veiculadas por esses programas.

Neste processo, identificamos que, através do meio televisivo, os sujeitos se transformam. Esta identificação revelou que, na Instituição Escolar em que leciono, a influência dos meios de comunicação, em especial a televisão, tem gerado mudanças de posturas nos indivíduos, levando-os a criar questionamentos, tendo como referência suas vivências na comunidade a partir das “leituras” feitas por estes programas.

As mudanças que envolvem os sujeitos desta pesquisa dizem respeito à invasão na vida privada, nos gostos musicais e nas relações interpessoais. A exemplo destas transformações, citaremos uma das situações marcantes: uma aluna da EJA buscou dois dos programas pesquisados para denunciar o abuso sexual que a filha adolescente sofreu. Ela guardou, durante anos, que o ex-marido abusou sexualmente da filha por medo de como a sociedade iria reagir. No entanto, em contato com estes programas emergiu a coragem de relatar o fato, pois acreditava no apresentador e que este programa poderia efetivamente ajudá-la. No desenrolar dos fatos, o marido foi preso e a criança ficou traumatizada. Após 15 dias de exposição dessas imagens e das imagens dos envolvidos, diariamente publicadas, o

ex-marido é libertado da prisão e o advogado contratado pelo programa é afastado do caso. A autora da denúncia nos afirma sentir um vazio por ter denunciado este fato na televisão.

Diante do exposto, fica explícito o quanto os sujeitos sentem-se desamparados socialmente pelo Estado em suas obrigações com os cidadãos. Assim, concordamos com Guareschi e Biz (2005), ao abordarem que os deserdados da vida sempre viveram à espreita de um milagre, ou seja, de um golpe que vai transformar a sua vida.

Após essas primeiras aproximações, refletir a respeito da contemporaneidade e da dinâmica do cotidiano das pessoas revela que, cada vez mais, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, influenciam na vida e nos espaços vividos pelos sujeitos de distintas idades, seja por instituir rituais domésticos, por reproduzir o cotidiano sem resolver seus problemas ou ainda por banalizar a realidade.

1.2 NOS CAMINHOS DA INTERDISCURSIVIDADE ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A fim de desvelarmos o ponto de encontro dessas duas áreas, tomaremos como referencial os comunicadores sociais através dos **estudos críticos** da comunicação social sem deixarmos de considerar a educação para que possamos explicar esta nova realidade da mídia televisiva nas subjetividades discentes, uma vez que o discurso pedagógico apenas não dá conta. Segundo Lauriti (1998), o discurso postulado pela educação não consegue, isoladamente, posicionar-se diante do novo contexto midiático, criado pelas tecnologias da comunicação e da informação. Desta forma, surge a necessidade de fundamentarmos, teoricamente, o estudo, tendo como base a relação entre a comunicação e a educação permeada pela televisão e sua influência na vida dos sujeitos. Tais inquietações nos mobilizam no sentido de pesquisar o processo de interdiscursividade¹ entre comunicação e educação na esfera social e escolar.

¹ Termo utilizado por Lauriti (**Comunicação e Educação: Território de Interdiscursividade**. [S.I.: s.n.], 1998, p. 8. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html>>. Acesso em: 26 out. 2010.) ao discutir o campo de diálogo entre comunicação e educação. A interdiscursividade, vale dizer, é o diálogo com outros discursos, é a garantia da sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que vai construindo a sua especificidade nesse processo. Este *interdiscurso* é *multivocal* e o seu elemento estruturante é a *polifonia*.

Assim, educador e comunicador não podem ser pensados como atores independentes e isolados deste novo ecossistema comunicacional.

Historicamente, o campo de diálogo entre a educação e a comunicação sempre foi constituído e definido, entretanto, na contemporaneidade, tem demonstrado que estes dois campos interagem a partir das tensões geradas pela invasão mútua de um campo no outro – inevitável, justamente por causa da grande penetração da mídia, especialmente a televisão, na sociedade contemporânea.

Concordando com os argumentos postulados por Lauriti (1998), buscamos superar os paradigmas e reconceituar a relação entre educação e comunicação:

[...] uma “educação emancipatória” e que seja forte para romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada ao consumo, a partir da prática e do interdiscurso da educomunicação que se apoia na concepção de um novo sujeito, de uma nova espacialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção do significado e da práxis (LAURITI, 1998, p. 09).

Nesta perspectiva, o objeto de estudo desta pesquisa, a televisão, perpassa a área da comunicação e educação e mostra esta dialogia existente entre esses dois campos de conhecimento na escola pública municipal de Educação Fundamental I, Gilberto Pires Marinho, situada no bairro da Boa Vista do Lobato, Subúrbio de Salvador – Bahia. Investigaremos a televisão, a mediação e a EJA. A sustentação teórica desses campos de análise requer a apreensão desse objeto numa perspectiva crítica, relacional e interdiscursiva, a qual envolve pesquisadores da educação e os comunicadores sociais para compreender a relação destes sujeitos e a televisão na contemporaneidade.

Sem dúvida, a mídia ocupa, atualmente, um lugar de destaque na produção de sentidos e concepção de mundo na vida dos sujeitos. A respeito dessa influência, Guareschi e Biz (2005, p. 61) ressaltam que “a comunicação, hoje, constrói a realidade”. Assim, os meios de comunicação, em especial a televisão, não se limitam a informar, mas criam realidades a partir da cotidianidade dos sujeitos.

Nesse sentido, a mídia é um meio de transmissão informação/comunicação que produz linguagens, imagens e sons que mediam e alteram as relações dos sujeitos, desafiando a educação a acompanhar estas novas mudanças.

Para empreender este estudo, amparamo-nos nos conceitos de mídia, mediação, televisão e os referenciais teóricos de Orozco Gómez (2006), Martín-Barbero (2008), Baccega (2003), Guareschi e Biz (2005), Hall (2002), Giddens (1991), Freire (1983), Matos Oliveira (2009), Orofino (2005) e Santos (2008).

O diálogo com estes autores articulado com as vozes dos estudantes da EJA está sendo um desafio que nos encanta. Sentimo-nos agindo em prol de contribuir para refletir, levantar possibilidades para uma educação crítica para os meios, tema ainda não apropriado pela instituição escolar e que suscita muitas questões que serão investigadas no decorrer do trabalho.

1.3 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O objetivo deste trabalho é entender como os estudantes da EJA ressignificam um programa televisivo de grande audiência no Estado da Bahia. Assim, pretendemos contribuir com a necessidade fundamental dos professores e da própria escola de entenderem a condição da sociedade que é extremamente permeada pela mídia, sobretudo televisiva, e entenderem como a mídia faz parte da construção simbólica dos sujeitos na sociedade contemporânea.

Uma outra preocupação foi investigar o processo de relação do referido programa com os estudantes receptores, contextualizando o ambiente em que vivem e o grau de envolvimento com a cultura midiática. Orofino (2005, p. 22), com propriedade, diz que: “a cultura midiática é envolvente. A televisão, pouco explorada nas escolas, traz satisfação e é a **expressão do novo tempo** (grifo nosso)”. Observa-se que este **novo tempo**, expresso na comunicação televisiva, mantém uma cumplicidade com os interesses comerciais, bem como ocupa um lugar estratégico nas relações culturais das pessoas: transforma sensibilidades, atua na produção do simbólico e pode interferir na construção de novas identidades devido ao seu alcance social.

Decorrente dessas reflexões surgem questões que podem ser assim enunciadas: O que pode haver no programa escolhido pela maioria que tanto atrai os estudantes da EJA? Será que o programa pode estar denunciando elementos do cotidiano desses sujeitos? Qual o espaço que a televisão ocupa no cotidiano destes sujeitos? Até que ponto a televisão potencializa comportamentos de violência nos jovens e adultos? Como a escola enfrenta a imersão destes sujeitos na cultura midiática?

1.4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Quando despertamos para os encaminhamentos desta pesquisa, sabíamos dos desafios que encontraríamos, apesar de ser professora da escola, pois acompanhamos, junto à comunidade, muitos aspectos das mudanças que nos levaram a conduzir esta investigação. Nesta perspectiva, sentimos, em alguns momentos, dificuldade em dialogar como pesquisadora, pois, totalmente imersa no cotidiano escolar, talvez não apresentasse o devido afastamento emocional característico do observador conceitual e ético que o presente estudo requer.

O percurso da pesquisa e o próprio trabalho paralelo como professora da EJA nos proporcionaram observar algumas leituras expressas de forma oral, verbal e não-verbal que denotam uma forte relação estabelecida por estes sujeitos com os programas transmitidos pela televisão.

Buscando analisar e dialogar todos esses pontos, seguimos em frente e desenvolvemos a pesquisa como professora/pesquisadora, movida pela intenção de investigar como os sujeitos da EJA ressignificam a produção televisiva na Bahia, articulados no espaço da comunidade escolar, procurando refletir a respeito da cultura midiática em que esses jovens estão imersos. Partimos da constatação de que a televisão é o meio presente nas casas de todos os sujeitos investigados, interpelando-os cotidianamente e mediando suas relações com essa mídia. Tal constatação, aliada às leituras, nos fizeram desvelar que as características da televisão expressam a necessidade de entender a complexidade que envolve a experiência televisiva, suas possíveis influências — positivas ou negativas — que perpassam por inúmeras considerações, tais como: os diversos contextos da recepção, mediação, o conteúdo dos programas, o tipo de linguagem, o tempo gasto com a televisão, a qualidade geral da vida cotidiana dos jovens e adultos, bem como os outros elementos socioeconômicos e culturais que fazem da televisão e dos sujeitos algo não isolados no mundo.

A televisão é aqui considerada como “um fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade” (FERRÉS, 1998, p.13), especialmente vista como instrumento potencial da mediação e socialização no mundo contemporâneo. Ainda, segundo o referido autor, nenhum outro meio de comunicação na história ocupou tantas horas da vida cotidiana dos sujeitos nem teve tantas interferências nas subjetividades discentes e docentes e na construção de valores sociais e simbologias.

A escolha preferencial recaiu no programa *Se liga Bocão*, pois, além de ocupar um espaço privilegiado no cotidiano dos sujeitos investigados, tem um excelente índice de audiência, porque corresponde às expectativas dos telespectadores e, em última instância, às expectativas de lucro, motor da empresa privada.

A metodologia que propomos para este estudo tem base qualitativa e etnográfica, situando-se no âmbito do estudo de caso onde foram usados diferentes instrumentos, a exemplos de questionários e encontros, como um grupo focal que reuniu os estudantes da EJA para assistirem ao programa *Se Liga Bocão* e a análise de conteúdo (BARDIN, 2002) foi o procedimento para analisarmos os dados obtidos no processo. O referido método prevê um conjunto de instrumentos e estratégias metodológicas que buscam inferir as mensagens contidas nas falas e expressões dos sujeitos das pesquisas, por meio da análise dos diálogos estabelecidos no processo de coleta de dados.

A opção pelo estudo de caso (GOLDENBERG, 1997) deve-se, sobretudo, à concepção comunicativa/educacional abordada nesta investigação de que é relevante investir em estudos que busquem um aprofundamento da experiência pesquisada, visando conhecer, de fato, suas lógicas de funcionamento e suas relações com o contexto comunicacional e educacional mais amplo, para assim ser possível identificar uma contribuição mais efetiva das possibilidades oferecidas e dos seus limites.

Junto a isso, é importante enfatizar que um Estudo de Caso, utilizando-se de bases teóricas da pesquisa qualitativa, privilegiam a consciência do sujeito e entende a realidade social como uma construção humana (TRIVIÑOS, 1995).

Nesta perspectiva, analisar o ambiente e o espaço, bem como o contexto no qual os sujeitos realizam suas construções identitárias, tem um valor essencial para obter uma compreensão mais clara da dimensão e do papel da televisão na vida destes sujeitos e do que eles constroem a partir desta aprendizagem.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994 p. 17), a pesquisa qualitativa define-se de acordo com cinco características básicas que fortalecem o estudo da temática proposta: 1) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador, como seu principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; 4) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Além dos instrumentos de coleta, a exemplo dos questionários, foi utilizada como estratégia a realização de um grupo focal, reunindo os estudantes da EJA para assistir ao programa *Se Liga Bocão*.

Uma primeira análise abordará uma questão bem específica e central do programa que é exatamente a compreensão da mediação² e do papel do cenário escolar apresentado, identificando o sentido e o valor que os estudantes dão ao programa retratado, procurando, da mesma forma, entrever elementos do sentido e do papel da educação escolar atribuído pela própria comunidade estudantil e percebido a partir do cenário e da representação dos atores na condição de alunos e professores.

Neste aspecto, a análise considerará o conceito de televisão como um dos conceitos chaves para entender o modo como o programa poderá estar contribuindo para os sujeitos da EJA expressarem e (re)elaborarem novos sentidos sobre a sociedade, a cultura, a educação e a própria escola, a partir do que recebem e da forma como dialogam com a programação televisiva do *Se liga Bocão*.

Por fim, debruçaremos, na segunda categoria de análise, que ela apontará para a compreensão do perfil dos estudantes da EJA na contemporaneidade e sua relação com a comunicação e a educação. Assim, a análise considerará o intertexto dos discursos entre a comunicação e a educação como conceitos chaves para entender o modo como o programa poderá estar contribuindo para ressignificação do espaço em que estes sujeitos vivem.

Para buscar respostas às questões apresentadas, no capítulo 2, denominado “O cenário contemporâneo dos meios de comunicação”, faremos uma discussão sobre os meios de comunicação na contemporaneidade com o referencial teórico dos autores que fundamentam a noção de globalização, espaço e lugar. O diálogo com Santos (2008), Giddens (2007) e Martín-Barbero (2004) oferece os fundamentos de um enfoque teórico-metodológico de perspectiva qualitativa e crítica necessária à compreensão da formação da sociedade contemporânea, da globalização, sua importância, sua relação com o contexto histórico-social e dos principais elementos constitutivos da revolução tecnológica, para dela se ter uma compreensão sistêmica. Nesse mesmo capítulo, procuramos abordar a globalização e os processos de fazer humano, assim como compreender como se inserem os processos globais na contemporaneidade, sobretudo no século XXI. Em outras palavras, como a sociedade se desenvolve de tal maneira a criar novos artefatos tecnológicos que contribuem na constituição

² A mediação é a passagem que sustenta o resultado do conhecimento e, portanto, as práticas daí resultantes. Nada é autônomo em si mesmo; as próprias mediações resultam em relações históricas e culturais (BACCEGA, M. A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac, 2003. p. 17).

das novas atribuições de sentidos e significados. Neste caso em questão, a atenção será dada a revolução das tecnologias da comunicação. Igualmente, vale atentar para o fato de que essas tecnologias comunicacionais podem ser tomadas a um só modo enquanto produtoras de sentidos e identidades.

O capítulo 3, intitulado “Televisão e Mediação”, faz uma discussão sobre Televisão e a Mediação na sociedade, apresentando uma leitura sobre o programa televisivo *Se liga Bocão*. O objetivo deste capítulo se assenta na necessidade, de um lado, de fornecer uma teoria social da comunicação que dê conta da complexa dinâmica social e das condições dos indivíduos no seu espaço enquanto sujeitos históricos e, de outro lado, de oferecer a noção e os conceitos sobre mediação e televisão que permitirão analisar a esfera da mediação no programa *Se liga Bocão*.

No capítulo 4, nomeado de Os sujeitos da EJA na contemporaneidade: considerações críticas, abordaremos a esfera do cotidiano dos sujeitos da EJA, ideia de uma educação enquanto prática social que identifica as interfaces do campo comunicacional com a esfera da educação e analisa as relações dos sujeitos com a mídia, orientando-nos pelos conceitos de Baccaga (1998), Martín-Barbero (2004), Freire (1983) e Matos Oliveira (2009). O objetivo da abordagem se dá porque este trabalho é feito a partir da interface entre dois campos – a educação e a comunicação. A escolha da interface se explica pela exploração no programa *Se Liga Bocão*, no âmbito de sua produção, do cotidiano dos estudantes da EJA. De forma paralela, verifica-se como o cotidiano escolar dos estudantes jovens e adultos é aproveitado como meio para veicular o social e o comercial, com força capaz de conquistar a audiência deste público.

No capítulo 5, procedemos efetivamente o percurso metodológico, o problema, os sujeitos da pesquisa e a análise do programa televisivo em que se identificam aspectos da emergência da mediação frente aos conteúdos televisivos. Neste espaço, buscamos apresentar a proposta de promover junto aos estudantes momentos de reflexão, questionamentos para análise do programa *Se Liga Bocão*, buscando elementos mais significativos e, sobretudo, mais prazerosos para, assim, poder assegurar aos sujeitos da EJA um espaço de olhar e escuta sensível, garantindo uma troca enriquecedora que alimenta esta inquietação e que mobiliza essa investigação.

Por fim, organizamos as considerações finais, onde buscaremos questionar o que leva o sujeito a se sentir tão próximo dos programas televisivos, assim como os modos de ser dos jovens presentes no discurso televisivo, as experiências de negociação, a produção de sentidos e resistências empreendidas cotidianamente pelos jovens e adultos.

Atuamos como críticos e como telespectadores/receptores que necessitam se posicionar frente aos programas exibidos, dialogando com as linguagens transmitidas pela televisão e tendo consciência das modificações identitárias e sociais que esta mídia provoca em seus receptores.

2 CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

2.1 A GLOBALIZAÇÃO E OS PROCESSOS DO FAZER HUMANO EM INTERAÇÃO COM O MEIO

Os processos da globalização na contemporaneidade estão presentes em todas as instâncias, seja na economia, na política, na cultura, na comunicação ou nas interações sociais dos espaços vividos. Assim, todas as pessoas, querendo ou não, estão imersas neste universo global. Não tem mais como voltar atrás, só nos resta compreender e (re)significar os ritmos, as ideologias e as relações estabelecidas no contexto globalizado.

Quando começamos a investigar o mundo globalizado, notamos que as mensagens e também conceitos a cerca da globalização denotavam um caráter eminentemente econômico, o que dissocia o papel dos sujeitos na manutenção e/ou na transformação deste sistema. Assim urge discutirmos, afinal, que globalização é esta a que nos referimos? Para isso estaremos com uma questão: Afinal, o que é globalização? Charlot (2007), ao buscar o sentido da globalização, analisa o seu conceito inicial afirmando:

A globalização é definida em primeiro lugar pela abertura das fronteiras. Essa é negociada na Organização Mundial do Comércio (OMC), onde um país pode propor diminuir ou até suprimir as suas taxas de importação se os demais consintam iguais esforços ou ofereçam compensações em outro domínio (CHARLOT, 2007, p. 132).

Apropriando-nos apenas do sentido da palavra, sem incluir as definições de valor, a globalização, inicialmente, aponta o caráter do mercado, entretanto, posteriormente, desvela um modo ideológico e capitalista nas diversas instâncias da vida dos sujeitos.

Globalização é um termo com diversas definições. Se hoje um indivíduo for buscar esta definição em um dicionário irá encontrá-la numa definição específica, mas se o mesmo indivíduo utilizar-se da rede mundial de computadores irá encontrar, além das definições do termo, suas especificidades de acordo com cada instância a que está se referindo.

Santos (2008), ao abordar a globalização, enfatiza os aspectos que ocorreram no processo de produção e que são fundamentais para compreender seus desdobramentos. Para o referido autor, a globalização é: “O ápice de internacionalização do mundo capitalista. Para

entendê-la, como de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a dar conta: o estado das técnicas e o estado da política.” (SANTOS, 2008, p. 23).

Santos (2008) afirma também que o estado das técnicas e da política tem uma relação intrínseca, pois as técnicas estão relacionadas com o fazer e a política caracteriza-se com força instituinte das técnicas que, também, são consideradas sistemas realizados em combinação com o trabalho e que faz a história. Assim, para compreender a técnica, é preciso entender a história e vice-versa, pois as técnicas apenas se realizam tornando-se história, com a intermediação da política, isto é política das empresas e da política dos Estados, conjunta ou separadamente.

Ainda segundo Santos (2008), ao pensar a globalização na contemporaneidade se conceitua a técnica como o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista, que apresenta dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado das políticas. O referido autor nos chama a atenção para a dissociação que ocorre ao tratarmos o estado da técnica do estado da política afirmando que:

Há uma tendência a separar uma coisa da outra. Daí muitas interpretações da história a partir das técnicas. E, por outro lado, interpretações da história a partir da política. Na realidade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que faz e fez a história (SANTOS, 2008, p. 23).

Diante do exposto, o estado das técnicas é a base material do processo de globalização, influenciando diretamente no imaginário dos sujeitos, nos processos de (re)significação do mundo e da história humana que constitui a política aqui entendida como natureza da ação humana. O processo de inter-relação entre o estado das técnicas e das políticas ressalta também o ser humano como um dos motores da globalização e adverte o quanto a historicidade e as mediações com o meio permeiam o processo global e incorpora a respectiva ideologia.

Neste contexto, a globalização não possui neutralidade, é criada pelo homem e fundamenta a técnica capitalista dominante que permeia o mercado e os meios de comunicação aligeirando a esfera íntima dos sujeitos que fazem funcionar o mecanismo global através dos seus pensamentos, atos e mediações com os diversos meios. Os fundamentos globais agem sobre o pensamento humano, simbolizando o descontentamento, a busca pelo desconhecido, o correr constante para alcançar o tempo, o consumo exagerado pelo ter a qualquer custo e pelas mudanças sempre movidas pelo dinheiro. São estes fatores materializados que constituem o

estado das técnicas e das políticas que perfazem o imaginário e a convicção dos sujeitos no fazer global. Para uma compreensão maior deste panorama, Santos (2008, p. 24) afirma que “os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta, a existência do motor único na história, representada pela mais-valia globalizada”.

O modelo global apresenta como fatores de fomentação do seu sistema a ideia de um tempo único, de conhecimento universal, de informação enquanto conhecimento e de uma história única que move toda a história humana, interligando-a. Este sistema de promoção das técnicas/políticas do sistema global nos inquieta, fazendo-nos pensar o quanto se cristaliza e multiplica uma forma única de ver e sentir a vida a partir desses mecanismos disseminados através dos meios de comunicação, em especial a televisão, que é um dos motores de divulgação da política global.

A unicidade da técnica, por exemplo, é um fator que demonstra a força e como está imbricado o projeto de globalização. A existência de uma técnica atual não extingue a existência de outra utilizada no passado, entretanto sobrepõe-se a ela. Esta sobreposição é possibilitada, atualmente, pelo computador que favorece o fortalecimento da percepção de um conjunto de técnicas e de tempo único, desencadeando a ideia de uma história representada pela valorização do dinheiro e hegemonia da técnica.

Diante desta definição, entender a globalização como um fenômeno estruturante é analisar os sistemas que estão por trás da dinâmica que conduz os processos da globalização. A compreensão destes processos requer ir além porque constitui identidades e subjetividades, dando contorno a novas formas de relações sociais.

Giddens (2007) nos alerta para a compreensão do que é a globalização afirmando ser um erro pensar nela apenas no sentido econômico global. “A globalização não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas.” (GIDDENS, 2007, p. 22).

Neste contexto, a globalização deve ser compreendida mais amplamente. Não é um fenômeno extrínseco ao indivíduo, à sociedade, é um fenômeno que, apesar de ter nascido no âmago mercantil, é alimentado pelas relações entre os indivíduos permeados pela evolução das tecnologias ao longo do tempo. Desta forma, a globalização primeiramente muda e, em seguida, evoluem as individualidades, e a reunião delas constitui o processo-objetivo de se globalizar.

Martin-Barbero (2004) e Giddens (2007) afirmam que a globalização não legitima somente a ideologia mercantil ou o desencaixe cultural³, mas afeta, ainda e principalmente, o plano do imaginário cotidiano das pessoas, de modo a produzir compreensão das dimensões da globalização, precisamente quanto às transformações nas representações dos modelos e modos da comunicação.

Diante das colocações expostas sobre a globalização, percebemos que há uma ampla discussão sobre o seu conceito. Neste estudo, consideraremos a globalização não apenas como um processo estanque, mas também como campo de disputa de diferentes narrativas que tentam possibilitar sua compreensão específica de uma série de práticas econômicas, políticas, tecnológicas, comunicacionais e sociais de caráter local e mundial.

Os novos modos de comunicação da aldeia global demonstram o quanto a mídia eletrônica é um poderoso instrumento de comunicação, informação, compreensão, explicação sobre o que está acontecendo pelo mundo.

A globalização das comunicações, em especial da televisão, é um aspecto relevante para entendermos a dimensão deste fenômeno na vida da sociedade. Segundo Bolaño (1999 apud GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 40), o campo da comunicação ocupa, hoje, um lugar central no processo de globalização:

O campo da comunicação, de fato, sendo intrinsecamente interdisciplinar, ocupa hoje, ademais, um lugar central no processo de globalização, não só pela centralidade das telecomunicações na construção da infraestrutura básica para o desenvolvimento do século XXI, mas também porque é uma mudança estrutural da esfera pública, em âmbito global, tão importante como aquela que ocorreu no momento da passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista, com o surgimento dos grandes meios de comunicação de massa.

A globalização influencia nas dimensões sócio-político-econômico e também no campo de comunicação pela convergência global das TIC através da digitalização, dos serviços fixos e móveis de telefonia, da radiodifusão, dos serviços de voz, dados imagéticos através de vídeos e fotografias e internet. Tais características sinalizam a relevância do papel da mídia, em especial a televisão, no que diz respeito aos impactos das mídias em nível nacional, internacional e global.

De acordo com Thompson (2009), as mudanças no cenário midiático ocasionados pela política, pelas novas tecnologias e pela economia resultaram em quatro tendências

³ Termo utilizado por Giddens (**Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007) para se referir ao descentramento das culturas frente ao processo globalizado.

denominadas de concentração, diversificação, globalização e desregulamentação. Ele ainda aponta que estas transformações acontecem em dois níveis: da economia política e do avanço tecnológico.

No campo da economia política, o referido autor identifica quatro tendências: a primeira, a concentração das indústrias de mídia em oligopólios, como pode ser vista em muitos países, em especial o Brasil, que se caracteriza pela concessão das redes de televisão nas mãos de poucos grupos; a segunda, a de diversificação das atividades das empresas da mídia, que passam a trabalhar com atividades conectadas, como jornais e redes de televisões, agências de publicidade, cinema, indústria fonográfica e fotográfica; a terceira, relacionada com a formação de conglomerados midiáticos, como reflexo da concentração e da diversificação; a quarta e última, o ambiente favorável para que o processo da desregulamentação aconteça e o qual se baseia no crescimento do setor, aumento da competitividade e operações de negócios de forma mais livre (THOMPSON, 2009).

Todo este cenário nos chama a atenção para o fato de que o global e o local estão vinculados. Para a compreensão do caráter local, a necessidade de se investigar os lugares distintos ocupados pelos sujeitos na sociedade, cujos contornos apresentam múltiplas dimensões que caracterizam mudanças na vida dos indivíduos. Nesta mesma linha de pensamento, Carlos (1996, p. 15) afirma que:

A globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades.

A globalização por mais distante que pareça estar dos sujeitos busca interpretar e materializar a concretude do espaço vivido pelos indivíduos. Carlos (1996) e Santos (2008) explicitam a relação global com o sujeito ao considerar que a ação globalizada se inicia no imaginário das pessoas e, à medida que é compreendida, adquire dimensões políticas, culturais e econômicas. Assim, entendemos o lugar onde se realiza o cotidiano dos sujeitos como lugar manifesto da globalização, de mediações e de dimensões políticas, culturais e econômicas, pois analisar a globalização enquanto um processo e ver em suas variantes diferentes dimensões nos levam a refletir sobre a questão do todo e das partes. Aqui, ao falarmos de lugar, nos ateremos à compreensão de Santos (2008), quando afirma que o lugar é o espaço concreto. No lugar acontece a mediação técnica, que, por vezes, não é entendida,

mas é vivida. No lugar, as ações são solidárias, não no sentido ético, mas no sentido em que são interdependentes.

Santos (2005, p. 158) amplia esta discussão considerando o mundo e os lugares e traz uma reflexão desse movimento ao citar lugares como suportes das relações globais, quando afirma que “muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares [...] O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”.

Nesta perspectiva, o papel do lugar é fundamental, pois ele representa os espaços vividos, isto é, tem sempre uma relação de envolvimento com as experiências do passado, presente e futuro. Assim é que a existência de um lugar é sempre um revelador sobre o mundo (SANTOS, 2008).

O lugar, discutido neste momento, além de físico, é muito maior quando é global. Hoje um indivíduo vai à Ásia “em um simples clique do mouse”, não necessariamente se deslocando fisicamente. Pensar a globalização na contemporaneidade é também refletir o “lugar” diante dos acontecimentos que concretizam esse fenômeno, através do cotidiano das pessoas.

A compreensão da globalização como fenômeno que acontece e se materializa nos lugares apresenta a possibilidade de analisar a dialética do processo que repercute e se intensifica através de diversas mediações dos meios de comunicação de massa no cotidiano, nas vivências individuais, nos lugares, produzindo, assim, formas e conteúdos sociais que se manifestam nos indivíduos.

Neste sentido, Damiani (2001) explicita que as pessoas fixam-se no lugar e criam a cotidianidade. O lugar dá condições ao modo de produção funcionar e envolve outros momentos da vida social. Assim apresenta-se a necessidade de refletir sobre a vida cotidiana no lugar, tendo claro o fato de que existe uma relação intrínseca entre o mundo e o lugar, visto que o mundo está no lugar e o lugar se encontra no mundo com todas as mediações necessárias.

Essas mediações globais são visualizadas, imbricadas em sua dinâmica, no lugar e na vida dos jovens e adultos:

Lidando com o cotidiano, coloca-se o acento no *social*, como nível mediador entre o econômico e o político, totalmente atingido por outras esferas do real. O social não pode permanecer, em termos de análise, submerso ao econômico e ao político [...] O econômico e o político pressionam o social, o que equivale avaliar o empobrecimento da vida social, no sentido dela se dobrar à vida privada, num mundo tecnológico e economicamente desenvolvido (DAMIANI, 2001, p.161/162).

Damiani (2001) apresenta ainda o cotidiano como revelador, mesmo imbricado nos demais setores da sociedade e ressaltando que é nele que o social se realiza. Enfatiza ainda que o econômico, o tecnológico, hoje destaque nos discursos e movimentos ideológicos, levam a frente o símbolo da globalização para justificar, explicar e identificar as ações das grandes corporações financeiras, políticas e econômicas positivas ou negativas que, de alguma forma, atingem a todas as pessoas nos seus lugares de vida.

Neste cenário, podemos entender a globalização como um fenômeno estruturante cujos efeitos não podem ser analisados apenas de forma simples, como dominação ou padronização, em função das políticas culturais nacionais e internacionais, ou em termos econômicos, pois suas consequências vão muito mais além porque constituem a formação dando contorno a novas formas de relações sociais.

De acordo com Santos (2008, p. 27):

Há uma relação de causa e efeito entre o progresso técnico e atual e as demais condições de implantação do atual período histórico. É a partir das unicidades das técnicas, da qual o computador é uma peça central, que surge a possibilidade de existir uma finança universal, principal responsável pela imposição a todo o globo de uma mais-valia mundial. Sem ela, seria também impossível a atual unicidade do tempo, o acontecer local sendo percebido como um elo do acontecer mundial. Por outro lado, sem a mais-valia globalizada e sem a unicidade do tempo, a unicidade da técnica não teria eficácia.

A relação de encadeamento propósito da globalização favorece a ideia de um tempo real e convergente que materializa o motor único, favorecendo a ideia de que todas as pessoas são norteadas pelos mesmos processos movidos pelo dinheiro, motor único desta história. Assim questionamos: Como os sujeitos ressignificam, hoje, a grande gama de notícias e imagens veiculadas pela televisão tendo como referência a realidade vivida cotidianamente nas comunidades locais?

A evidência de que o movimento no cotidiano das pessoas articula todo o processo global favorece o entendimento de que somos atores, somos sujeitos nesse processo da globalização. Guareschi e Biz (2005, p. 116) nos alertam para o compromisso com a ética e a grande responsabilidade social da mídia, expressos na Constituição brasileira. Os referidos autores também nos ensinam que não se pode cruzar os braços e permanecer omissos diante da dominação midiática. Investigar este processo inclui mergulharmos no cotidiano do sujeito e dar lugar a sua voz na sua historicidade, nos sentidos que perpassam suas relações com o meio e com o lugar em que vive. O grande desafio é a percepção da força humana como motor universal da globalização (SANTOS, 2008).

2.2 A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

A contemporaneidade apresenta diferentes formas de linguagens transmitidas pelos meios de comunicação e ressalta o quanto as mídias convergiram e se tornaram espaços de socialização da cultura midiática, da construção das identidades, de sentidos e significados. Atualmente é possível assistir as imagens televisivas pelo computador, pelo telefone celular e pela própria televisão, agora em alta definição e de tamanhos cada vez maiores. Tais características demonstram como a televisão ainda possui força que desafia o curso de informações, publicidade, formação de valores, do pensamento, das linguagens, do desejo e do imaginário dos sujeitos.

Segundo Martín-Barbero (apud MORAES, 2006, p. 54), “a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não só uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas também novos modos de relação entre as formas de produção e consumo de bens e serviços”.

Para Castells (1999), o mundo contemporâneo vive uma revolução tecnológica pautada nas tecnologias da informação e da comunicação que está transformando a base da sociedade em ritmo acelerado. Assim observamos que as redes interativas de computadores estão crescendo muito e criando novas formas e canais de comunicação com símbolos que impactam na vida dos sujeitos, pois apresenta potencial de formar e informar, induzir e seduzir. Esse autor busca, na revolução tecnológica da informação, analisar a complexidade da nova economia, sociedade e cultura em formação, gerada por esse processo de globalização.

Segundo Hall (2002), os impactos pós-modernos incidem sobre como a identidade se constrói e como acontece a produção dos desejos nas pessoas, apesar das diferenças econômicas e dos obstáculos socioculturais que se interpõem às naturais aproximações culturais.

Assim, no cenário contemporâneo, falar em identidade implica analisar o quanto a globalização, através dos meios de comunicação, registra mensagens imagéticas e veicula formas de comunicação pela televisão, expressando os discursos de legitimação hegemônica que são transmitidos para os sujeitos (MARTÍN-BARBERO, 2006; MATOS OLIVEIRA, 2009; e outros). Nesta perspectiva, falar em identidade requer pensarmos para além de costumes e tradições desconectados dos meios de comunicação, da fluidez e da instantaneidade das informações, pois a fragmentação que a sociedade está exposta, no âmbito

da cultura e das relações sociais antes tidas como sólidas, está mudando a constituição dos sentidos e significados que os sujeitos estabelecem em sua relação com o meio.

Questões como essas nos chamam a atenção para avançarmos em busca de uma perspectiva crítica dos meios de comunicação, no sentido de considerarmos que a construção da identidade contemporânea e do pensamento simbólico dos sujeitos sejam gerados também pela revolução tecnológica.

A revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas sim um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transformar o conhecimento em força produtiva direta (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

Esta revolução requer novas tecnicidades que recusam o sentido instrumental de tecnologia desenvolvida nos primeiros estudos da comunicação e apontam para um novo regime de visualidade⁴, novas formas de ver, que introduzem transformações no estatuto epistemológico do saber.

Ao abordar a noção de tecnicidade, Martín-Barbero (2004) enfatiza que esta é constitutiva, como dimensão antropológica de comunicação, no sentido humano e criativo. Nesta perspectiva, o referido autor enfatiza ainda que:

A necessidade dessa categoria se justifica, pois, no que ocorre hoje com a comunicação, não se dá a devida conta à noção grega de *Techné*, que remetia à destreza, à habilidade de fazer, mas também de argumentar, de expressar, de criar e de comunicar (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 11).

Com isso, o potencial humano é circunscrito de forma a revelar o poder de criação dos sujeitos perante a técnica e das possibilidades hábeis de lidar com as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação que requerem de nós um olhar atento para os processos de ressignificação das novas linguagens e das mensagens pelos sujeitos.

A globalização favoreceu a revolução tecnológica e configurou-se num ecossistema de linguagens e escritas que exige novos regimes culturais das tecnicidades, aqui entendida como a experiência dos sujeitos nos processos de interação com os meios. Assim, a experiência audiovisual transformada pela revolução digital marca, por um lado, a constituição de formas

⁴ Palavra utilizada por Martín-Barbero (**Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2. ed. São Paulo: UFRJ, 2004) ao se referir aos novos processos de relação frente às tecnicidades.

de compreensão do meio, da informação, do surgimento de novas figuras que remetem a um novo estatuto cognitivo, regido pelas oralidades e visibilidades textuais que as redes do hipertexto tecem (MARTÍN-BARBERO, 2004).

A linguagem hipertextual nos convida a novos modos de percepção e a novas sensibilidades que, introduzidas nos sistemas sociais coletivos e individuais, geram mudanças na forma de ser e agir dos sujeitos envolvidos neste processo.

Um cenário deste tipo nos faz entender que a identidade muda de acordo com a forma de como o sujeito é interpelado ou representado imagetivamente. Esta é uma afirmação que nos leva a questionar: Que relação se estabelece entre a ação dos meios de comunicação e os processos de constituição dos sentidos e significados expressos pelos sujeitos na contemporaneidade?

Thompson (2009, p. 288), conceitua os Meios de Comunicação de Massa (MCM) como uma “produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e armazenamento de informação e comunicação.”

A partir dessa concepção, este autor aborda a existência de quatro características fundamentais da comunicação de massa. A primeira característica é a produção e difusão institucionalizadas de bens simbólicos. A segunda é aquela que a comunicação de massa institui uma ruptura fundamental entre a produção e a recepção de bens simbólicos. Esses bens são produzidos para receptores que, geralmente, não estão fisicamente presentes no lugar da produção e transmissão desses bens. A terceira é a que a comunicação de massa aumenta a acessibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. E a quarta característica refere-se à implicação da circulação pública das formas simbólicas (THOMPSON, 2009).

De acordo com o mesmo autor, os meios de comunicação de massa tornam possível novas formas de ação e interação no mundo social. O desenvolvimento da interação mediada ou de uma “cultura mediada” faz com que a mídia enriqueça, transforme e também produza um novo tipo de intimidade com os sujeitos de acordo com a mediação do contexto.

Outro fator imprescindível para compreendermos este contexto é o que Thompson (2009) chama de “quase-interação” mediada, quando ocorre a criação e estabelecimento de uma forma de intimidade essencialmente não recíproca, expandida no tempo e no espaço.

Nesta perspectiva, o processo de formação dos sujeitos, entendido aqui como um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente, torna-se, cada vez mais, dependente do acesso às formas mediadas de comunicação.

Ainda de acordo com a concepção de Thompson (2009), as formas simbólicas são concebidas como amplas possibilidades de ações e falas, imagens e textos que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como processos significativos considerados fenômenos

sociais. A troca de formas simbólicas entre produtores e receptores implica uma série de características do que é denominado pelo autor de **transmissão cultural** (THOMPSON, 2009). A transmissão cultural é o processo pelo qual as formas simbólicas são transmitidas dos produtores aos receptores. Esse processo é constituído de três características fundamentais: o meio técnico de transmissão, o aparato institucional de transmissão e o distanciamento espaço-temporal implicado na transmissão.

O surgimento dos meios técnicos possui um impacto fundamental nas maneiras como as pessoas agem e interagem umas com as outras [...] os novos meios técnicos tornam possíveis novas formas de interação social, modificam ou subvertem velhas formas de interação, criam focos e novas situações para a ação e interação e, com isso, servem para reestruturar relações sociais existentes e as instituições e organizações as quais ela fazem parte (THOMPSON, 2009, p. 296).

Neste panorama, os meios de comunicação, através da mediação tecnológica, revelam um campo de ação comunicativo e, ao mesmo tempo, educativo como um “ecossistema comunicativo” que possibilita mediações que se caracterizam por serem instâncias de passagem, ou seja, sem relações diretas entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Entre ambos medeiam o conjunto de conhecimentos, as teorias científicas com as quais trabalhamos e o “lugar” onde nos colocamos: a que classe social, faixa etária, gênero e etnia, etc. pertencemos (BACCEGA, 2003, p. 17).

Diante do exposto, as práticas comunicativas, através dos meios de comunicação, instituem simbologias de vários elementos que influenciam e transformam a questão do tempo/espaço, a forma de ser e agir dos seres humanos, utilizando-se de vários mecanismos e múltiplas referências e deslocamentos sem barreiras geográficas.

É no âmbito da convergência das mídias, de sonhos e realidades, simbologias e desejos que os meios se instituem na formação de sentidos e significados nos espaços vividos pelos sujeitos contemporâneos.

Assim a educação e a comunicação no mundo contemporâneo estão intrinsecamente relacionadas, pois ambas precisam levar em consideração os processos de experiências educacionais e a dinâmica do cotidiano dos sujeitos que são imprescindíveis na constituição social.

3 TELEVISÃO E MEDIAÇÃO

3.1 TELEVISÃO NA SOCIEDADE

Na contemporaneidade, a televisão constituiu-se em um elemento valioso, uma possibilidade de contato com a realidade que propicia aos sujeitos da EJA o mundo a sua volta. Tal característica da televisão expressa a necessidade de compreender a complexidade que envolve a experiência televisiva e suas possíveis influências, positivas ou negativas, que dependem/passam por inúmeras considerações como: contexto da recepção, mediação, conteúdo dos programas, tipo de linguagem, tempo gasto com a televisão, qualidade geral da vida cotidiana das pessoas, bem como outros elementos socioeconômicos e culturais que fazem da televisão algo não isolado no mundo.

Neste contexto, entendemos que os sujeitos já trazem consigo muitas informações, conhecimentos e imagens oriundas da televisão. Entretanto, o processo de comunicação de massa fortalece e gera impactos sobre as representações produzidas e disseminadas pela televisão.

De acordo com Thompson (2009, p. 297), o meio televisivo desencadeia um impacto interacional nas pessoas, modificando sua forma de agir. O referido autor distingue quatro dimensões deste impacto: a primeira dimensão se refere aos meios que facilitam a interação através do tempo e do espaço; na segunda, ocorre uma modificação da maneira com as pessoas agem em resposta aos outros que também são fontes de audiência; na terceira, dá-se uma modificação da maneira como as pessoas agem em resposta aos outros em contextos distantes e a última dimensão diz respeito ao fato dos meios também modificarem as maneiras como as pessoas agem e interagem no processo de recepção.

Para Belloni (2001), a televisão é a transmissora do saber acumulado e de informações sobre a atualidade, representações do mundo e regras de integração social.

No caso do Brasil, a televisão é o MCM que existe há mais de 50 anos, sendo assim podemos verificar que o acesso às informações por este meio não seria mais novidade. A característica atual desse estágio não seria a informação propriamente dita, mas sua instantaneidade e espetacularização.

Entendemos a trilogia – Informação, Espetáculo e Consumo como traços característicos da realidade social que assume uma condição de complementaridade na sociedade atual, em meio à globalização, e presença da mídia que prima por disponibilizar, na forma de mercadoria, a produção humana, tanto material quanto simbólica. A esta é atribuído o papel de co-adjuvante no processo de banalização/rebaixamento, mercadorização da cultura e espetacularização da sociedade (BACCEGA, 2003).

Segundo, Fischer (2006), no Brasil, a televisão tem tanta força na construção do imaginário social que investigar este veículo de comunicação significa investigar a nós mesmos e os nossos humanos processos de construção enquanto sujeitos.

A televisão, no Brasil, no final da década de 80, apresentou como traço característico o sensacionalismo. O modelo da televisão brasileira, a exemplo do norte-americano, é comercial, ou seja, o objetivo final das redes televisivas e dos canais a cabo é gerar lucros, em meio à concorrência pela audiência. Sob a permanente pressão das pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), a televisão acaba recorrendo ao sensacionalismo, com o estímulo ao consumismo e a espetacularização da violência.

Na Bahia, em meio à disputa pela audiência, sob a permanente pressão das pesquisas do Ibope, a televisão recorreu ao sensacionalismo com o estímulo ao consumismo e à espetacularização da violência para a eminência de alguns programas produzidos e transmitidos regionalmente, a exemplo do **Se Liga Bocão**, **Na Mira** e **Que venha o povo**. Tais programas televisivos têm como base a comunicação massiva através de mensagens que transmitem e apresentam uma repetição constante de imagens violentas dos bairros periféricos e contam a vida das pessoas através de quadros que apontam fatos corriqueiros experienciados por estes sujeitos no seu dia-a-dia. Esse espetáculo social afeta os sujeitos através de linguagens coloquiais que os aproximam deste discurso subliminar, transformando gradativamente suas formas de ser e agir.

Nesta perspectiva, a relação dos estudantes da EJA com a televisão deve, então, levar em conta as categorias que estão profundamente relacionados com a cotidianidade do sujeito, bem como os diversos tipos de mediação: individual, situacional, institucional e tecnológico (OROZCO GÓMEZ, 2005 apud MATOS OLIVEIRA, 2009, p. 218).

Assim, compreendemos que a relação das pessoas com a televisão deve convir na **dialética das múltiplas mediações** (OROZCO GÓMEZ, 1997), estruturas culturais que funcionam como filtros por onde passam as informações no plano do receptor (jovens/adultos), interagindo na produção de sentidos/significados próprios à mensagem televisiva.

Na intenção de evidenciar as múltiplas mediações, Matos Oliveira (2009, p. 218) situa este campo de conhecimento, demonstrando, em um mapa conceitual, quatro elementos da teoria de Orozco Gómez (2005): a mediação individual, que apresenta dimensões cognitivas e subjetivas dos atores-sociais articuladas às categorias de gênero, idade, etnicidade, classe social e orientação sexual; a mediação situacional, caracterizada pelos diferentes cenários em que correm a interação entre os MCM e as audiências: lar, boteco, quarto, sala de estar, escola, igreja; a mediação institucional, que ocorre através de sistemas e estruturas sociais que atuam como cenários que medeiam a recepção dos meios e, por fim, a mediação vídeo-tecnológico peculiar à televisão, que utiliza recursos próprios e particulares para representar sua própria realidade social. Ainda sobre estes sistemas de mediação, Matos Oliveira (2009, p. 218) complementa: “A escola é o local de recepção crítica da mídia [...] A visão distorcida segundo a qual os meios de comunicação só servem para divertir e não educar, deve-se à ausência de mediação da escola”.

Neste cenário contemporâneo, as representações produzidas e disseminadas pela televisão sinalizam um alerta para as mensagens subliminares emitidas por este veículo que invadem o imaginário e conclamam as instituições escolares a reverem a sua relação com os meios de comunicação.

A televisão age como um espaço de demonstração e vendas dos produtos, assim como reforça valores, ideias e mensagens, identificadores dos pilares da cultura capitalista. Outro aspecto fundamental para analisarmos a relação dos sujeitos com a televisão diz respeito ao fato de a maioria das famílias ficarem expostas ao discurso midiático que institucionaliza os ideais globais e capitalistas de consumo. Vale ressaltar que, além da televisão, os meios impressos também exploram o corpo e ensinam como se vestir, como emagrecer para o verão, como se comportar em determinados lugares, com grande didatismo e simplificação, tendo como referência um único padrão.

Diante do exposto, evidenciamos que a relação da televisão envolve inúmeros aspectos que são determinantes para compreender a ação da mídia televisiva na sociedade.

Sendo a televisão um veículo que ajuda a construir representações e a escola, um espaço que institucionaliza os saberes, conclamamos para que o uso da televisão seja muito mais do que simplesmente levar a televisão para a sala de aula, mas, sobretudo, que seja alavancado por um trabalho pedagógico no sentido da educação crítica para a mídia.

3.2 MÍDIA E MEDIAÇÃO: O ESPAÇO ESCOLAR

Conforme dito anteriormente, a mídia ocupa um espaço importante na ordem social em conjunto com as mudanças tecnológicas e culturais da contemporaneidade. Estes aspectos são fundamentais para compreendermos o surgimento do fenômeno da midiatização na construção de sentidos. Desse modo, a mídia deixa de ser um instrumento apenas e passa a ser também produtora de sentidos sociais, capazes de transformar os modos de sociabilidade e influir na constituição das representações e formação da identidade e cultura do sujeito, caracterizando, assim, também um processo de mediação.

Diante do exposto, a mídia é um fenômeno importante na cultura entre os jovens, ganha uma forte influência no campo pedagógico (BELLONI, 2003). Neste sentido, julgamos importante analisar, neste estudo, a ação das mídias no processo de mediação. Aqui trazemos o significado de mediação, emprestado de Martín-Barbero (2000, p. 13): “mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana”.

Para Baccega (2003, p. 17):

As mediações se caracterizam, portanto, por serem instâncias de passagem, ou seja, **não existem relações diretas entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido** (grifo nosso). Entre ambos medeiam o conjunto de conhecimentos, as teorias científicas com as quais trabalhamos e o lugar onde nos colocamos: a que classe social, faixa etária, gênero, etnia etc. pertencemos. A mediação é esta passagem que sustenta o resultado do conhecimento e, portanto, as práticas daí resultantes. Nada é autônomo em si mesmo; as próprias mediações constituem-se em relações históricas, culturais.

Consideramos ser a mediação uma potencialidade humana para lidar com as relações do mundo que o cerca. É através desta que o homem produz seus conhecimentos entrelaçados com sua história de vida.

Segundo Martín-Barbero (apud BACCEGA, 2003, p. 20), as mediações:

são esse lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não atende unicamente às necessidades do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. Estamos afirmando que a televisão não funciona sem assumir – e, ao assumir, legitimar – as demandas que vêm dos grupos receptores; mas, por sua vez, não pode legitimar essas demandas sem resignificá-las em função do discurso social hegemônico. Espaço de passagem, de interações entre polos, às vezes opostos, as mediações se constituem em elementos fundamentais para se pensar e se atuar no campo da comunicação/educação, lugar de produção de conhecimento.

Este processo revela importantes transformações culturais, cotidianas e comunicacionais ligadas ao acelerado desenvolvimento das TIC na contemporaneidade, revelando o quanto os sujeitos interpretam e agem no mundo a sua volta com base em suas capacidades perceptivas, a partir das imagens que estimulam a capacidade sensorial e aguçam os gostos e sentidos.

Nesta dinâmica das mediações, conhecemos o mundo que está a nossa volta e construímos a realidade social e simbólica em que vivemos.

E, neste contexto, o universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo desses discursos, nos quais seu cotidiano está inserido. É a partir dessa dinâmica que se constitui a subjetividade. Logo a subjetividade nada mais é do que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega. Segundo Baccega (2003, p. 383), a sociedade funciona no movimento das relações discursivas dos meios através das simbologias que se cruzam, se esbarram, se anulam e se complementam. É justamente desta dinâmica que nascem os novos discursos que colaboram para alterar os sentidos para os outros e vão alterando seus próprios significados, em movimentos, onde a materialidade do discurso-texto que circula é captada pelo enunciatário/receptor num âmbito comunicacional que se institui a partir desta multiplicidade.

Sendo assim, as novas gerações vivenciam, desde seu nascimento, a presença da televisão que concorre para a construção de percepções e representações do mundo à sua volta. Desta forma, os jovens e adultos, no dia-a-dia, têm contato com inúmeras imagens e sons e informações que colaboram para a construção da narrativa da mídia acerca dos conhecimentos culturais.

Logo, a mídia interfere na construção de identidades através de signos de prestígios fornecidos e criados pela cultura de consumo utilizando a apresentação de quadros televisivos alusivos à vida cotidiana, a fim de revelar uma carga simbólica que pode exprimir, objetivar e representar determinadas percepções que vão ao encontro dos interesses da “Indústria de consumo” mediando às relações sociais.

A respeito destes símbolos e da narratividade presente nos conteúdos midiáticos marcados também pela imagem e pelas linguagens, Baccega (1998) afirma que:

Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo. E toda imagem artístico-simbólica ocasionado por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material passa a refletir e refratar, numa certa medida, outra realidade (BACCEGA, 1998, p. 381).

Ainda segundo Baccega (1998), é nesse âmbito do simbólico/real que a disputa se institui, que a busca da hegemonia se dá.

Consideramos, concordando com a autora, que as linguagens transmitidas pela televisão proporcionam a mediação entre o mundo vivido e o mundo representado pela mídia. De acordo com Martín-Barbero (2008) a recepção do que é transmitido pelos MCM é mediado por práticas cotidianas que estão inseridas no contexto sócio-cultural dos sujeitos receptores, e essas práticas estão constantemente presentes nas interpretações que os telespectadores fazem do conteúdo midiático.

Na Bahia, especificamente no *lócus* da pesquisa como veremos adiante, um dos maiores elementos dessa interação e mediação do conteúdo televisivo na vida cotidiana são os telejornais, que conseguem mobilizar intensamente as emoções, sentimentos e o imaginário popular, tornando-se, indiscutivelmente, referencial para os sujeitos da EJA ao reproduzirem anseios, medos, tendências, linguagens e costumes. A recepção e a apropriação dos programas transmitidos pela mídia televisiva são processos sociais complexos em que os jovens e adultos – interagindo com outros e também com os personagens e imagens retratadas nos programas –, dão sentido às mensagens de uma forma ativa, as adotam com atitudes diversas e as usam diferentemente no curso de suas vidas.

Neste sentido, entendemos que entramos no campo do espaço escolar, pois é papel da escola e da mídia serem “guardiães e difusoras da síntese hegemônica que é a base do consenso social indispensável à vida em sociedade.” (BELLONI, 1991, p. 34).

Ainda segundo Belloni (1991), é a escola que tem condições teóricas e práticas de executar a tarefa de educação para as mídias. “Como depositária do espírito crítico, responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação a mais importante, a escola detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações.” (BELLONI, 1991, p. 41).

Para alcançar e superar estas incertezas que se constituem num desafio midiático, concordamos com a possibilidade de um ecossistema educativo, termo utilizado por Martín-Barbero (2004) para abordar a diversidade de linguagens e complexidade das relações que envolvem os meios de comunicação.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, ressaltamos com Martín-Barbero (2004) que a instituição escolar precisa assumir algumas estratégias e ser capaz de fazer o uso criativo e crítico dos meios de comunicação e das tecnologias da informática. Martín-Barbero (2004, p. 62) aponta algumas questões, entre elas: transformar o modelo (e sua práxis) de comunicação centralizado, linear, para um modelo descentralizado hipertextual e potencializar

a figura e ofício do educador, que deverá deixar de ser um mero transmissor de conhecimento para converter-se em formulador de problemas, provocador de questionamentos, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, ao invés de aferrar-se ao passado, destaca e possibilita o diálogo entre culturas e gerações.

3.3 OS PROGRAMAS TELEVISIVOS NA BAHIA

Na contemporaneidade, a dinâmica do cotidiano das pessoas revela que os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, influenciam na vida e nos espaços vividos pelos sujeitos, seja por instituir rituais domésticos, por banalizar o cotidiano ou ainda por produzir realidades.

Segundo Fischer (2006), no Brasil a televisão tem tanta força na construção do imaginário social que investigar este veículo de comunicação significa investigar a nós mesmos e os nossos humanos processos de construção enquanto sujeitos.

A televisão, no Brasil, no final da década de 80, apresentou como traço característico o sensacionalismo. O modelo da televisão brasileira, a exemplo do norte-americano, é comercial, ou seja, o objetivo final das redes de televisão e dos canais a cabo é gerar lucros, em meio à disputa pela audiência. Sob a permanente pressão das pesquisas do Ibope, a televisão acaba recorrendo ao sensacionalismo, com o estímulo ao consumismo e a espetacularização da violência.

Na Bahia, o primeiro programa com características sensacionalistas foi o **Balanço Geral** que foi adaptado para a televisão em dezembro de 1985 e era dirigido por Alfredo Raimundo (Diretor da TV Itapoan, à época). Era um programa que apelava para o gênero popular e funcionava como um meio assistencialista para a população, atendendo as reivindicações e mostrando os problemas da capital.

Transmitido de segunda a sexta-feira, das 18 às 19 horas, após alguns meses de lançamento, o programa teve uma versão aos sábados, no mesmo horário, especificamente com notícias sobre o interior baiano, nomeado Balanço Geral do Interior. Devido à popularidade conquistada pelas reportagens do tipo sensacionalista e que, segundo o Ibope, o levavam a alcançar o primeiro lugar na audiência, passou a ser o noticiário âncora desta versão do programa.

Este programa foi apresentado por Fernando José até 1988 quando se afastou para assumir, como Prefeito eleito, a Prefeitura Municipal de Salvador.

Tais programas, a exemplo de **Se Liga Bocão, Na Mira e Que venha o povo**, têm como base a comunicação massiva através de mensagens que transmitem e apresentam uma repetição constante de imagens violentas dos bairros periféricos, contam a vida das pessoas através de quadros que apontam fatos corriqueiros experienciados por estes sujeitos no seu dia-a-dia.

Esse espetáculo social afeta os sujeitos, os aproxima deste discurso e transforma gradativamente suas formas de ser e agir.

Diante da emergência destes programas televisivos em Salvador, Bahia, a postura dos jovens e adultos da comunidade da Escola Engenheiro Gilberto Pires Marinho vinha apresentando alterações gradativas, observadas pelo grupo docente da referida escola. Os estudantes passaram a agir de forma diferente, banalizando a violência na comunidade, antes vista como algo que causava indignação.

Outro fator diferencial é que a vida pessoal e os fatos de violência intrafamiliar e na vizinhança são considerados triviais. Assim, a maior referência destes sujeitos está na programação apresentada pelas redes de televisão local, inclusive sendo marcante o uso da linguagem da *chamada*⁵ utilizada por estes programas. Neste sentido, o espaço não é neutro e está carregado de mensagens transmitidas pelos meios, inclusive pela televisão que é o recurso tecnológico mais utilizado na comunidade.

3.4 “EU VI NA TV”: PROGRAMA SE LIGA BOCÃO

Situando o contexto: Rede Record de Televisão, emissora do programa *Se Liga Bocão*, em busca da realidade do povo baiano.

A Rede Record ou TV Itapoan, como a emissora é mais conhecida na Bahia, está localizada no bairro da Federação, em Salvador, Bahia. Para adentrar nas instalações desta emissora, é preciso ser convidado de algum dos profissionais ou estar vinculado a algum projeto de pesquisa em particular, como foi o nosso caso.

⁵ Dar o resumo de uma notícia antes, ao início ou em segmento anterior à notícia em um programa jornalístico.

Diante do nosso contato com a Rede Record, buscaremos apresentar, em nossa pesquisa, uma tradução da entrevista realizada com o apresentador do programa e, por fim, a experiência vivida na visita que fizemos à emissora. Vamos apresentar também um breve olhar sobre o cenário e contexto de produção da televisão na Rede Record.

A Rede Record abriga vários programas que são transmitidos no decorrer do dia. Cada programa tem sua sala de produção que trabalha na organização da pauta, estruturação e acompanhamento do programa a ser transmitido. É um trabalho conjunto que requer pesquisa, produção, acompanhamento e transmissão de imagens.

Ficamos, especificamente, na sala responsável pela produção do Programa *Se Liga Bocão* e pudemos observar o quanto os profissionais ali vivem à procura de reportagens para compor a pauta do programa. Foram muitas ligações para conseguir uma notícia “fresca”, ou seja, que o programa seja o primeiro a relatar. Neste recinto, observamos um quadro com os tipos de notícias do programa: denúncia, policial, entretenimento e social. Toda a pauta é montada no decorrer da manhã, de acordo com as notícias que surgem e que são confirmadas pela equipe.

Neste contexto, explorando os acontecimentos reais vividos na cidade e a capacidade da força das imagens da televisão como um produtor e difusor de imagens no mais privado dos locais, o domicílio, os programas televisivos produzidos pela emissora vão mediando um conjunto de relações complexas com os sujeitos e com o meio, ampliando a compreensão do que significa a televisão na sociedade.

Nesta pesquisa, descartamos, desde já, assim como Machado (2005), um posicionamento valorativo sobre programas emitidos por essa ou outra emissora qualquer como “bom” ou “ruim”. Enfatizamos que nosso objetivo é buscar conhecer e ampliar o entendimento sobre “televisão” e sobre o significado da produção televisiva na Bahia.

Sobre a compreensão do significado da produção televisiva, Machado (2005, p. 19) defende que:

É preciso pensar a televisão como o conjunto dos trabalhos audiovisuais (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem, assim como cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e a literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas [...] Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance ou o que é produzido por produtores independentes ou por grupos de intervenção de acesso público.

Ainda dialogando com Machado (2005), entendemos que assistir à televisão demonstra uma complexidade de etapas que vão desde a constituição de um programa e sua pauta até a sua emissão para o público. Assim é importante ver que o telespectador como sujeito ao interagir com o produto televisivo está sendo mobilizado a pensar, avaliar, gostar e imaginar, no sentido de construir ou conceber na imaginação o que está sendo representado através da tela televisiva. Para mantê-lo diante desta tela, é necessário que o produto apresentado estabeleça uma relação prazerosa e significativa.

Para atender a demanda dos sujeitos e do mercado, a estrutura e a dinâmica da produção televisiva adotam critérios baseados na demanda oriunda dos “públicos” e seus diferentes usos para se manterem entre os programas preferidos do seu público-alvo, buscando conquistar audiência de destaque no meio televisivo.

O programa *Se liga Bocão*, destaque entre os gostos dos estudantes pesquisados, é liderado pelo apresentador José Eduardo e reúne jornalismo social, denúncia e entretenimento. Segundo a produção do programa, também há destaque para o **Repórter Mão Branca**, que percorre as delegacias superlotadas da cidade e entrevista delegados e acusados. Todos os dias, os repórteres Ely Almeida e Liana Cardoso comandam o quadro **A praça do povo**, que é um espaço para denúncias, apelos, cantorias e diversão sem censura.

O programa *Se Liga Bocão* é líder de audiência no horário e se propõe a não esconder a realidade do povo baiano. Assim, segundo o apresentador José Eduardo, o referido programa vai além do estúdio. Uma vez por semana, ele visita um bairro carente para levar um pouco de esperança aos moradores e se aproximar desta classe social que ele se identifica. Transmitido ao vivo, de segunda a sexta-feira, trata-se de um programa jornalístico em sentido restrito: além de ser ancorado por um jornalista, respeita o formato básico de um telejornal – uma abertura com escalada, chamando os principais assuntos, e passagens de bloco, chamando reportagens.

A televisão é um agente mediador entre a sociedade e os sujeitos receptores, que produz integração social e cultural, além de ser responsável pela instauração de novas sociabilidades. Martín-Barbero (2004, p. 56) enfatiza uma outra dimensão desse poderoso MCM: sem operar pelo seu próprio poder, a televisão revela os movimentos, mazelas, distúrbios que estão na sociedade e interfere nos modos de ver dos sujeitos, sobretudo dos jovens. É no contexto de desordem familiar que se insere a desordem cultural provocada pela televisão.

4 OS SUJEITOS DA EJA NA CONTEMPORANEIDADE

4.1 OS SUJEITOS DA EJA

A mudança da sociedade industrial para a sociedade da informação e do conhecimento alterou o sentido da informação e da comunicação e, sobretudo, da educação, o que provocou mudanças na formação dos sujeitos jovens e adultos devido à presença das tecnologias em nosso meio, que estabelecem diferentes mediações, seja em uma simples retirada de dinheiro em um caixa eletrônico, nas ruas com a presença de câmaras vigilantes e sinais de trânsito, nos supermercados com as tarjas eletrônicas nas mercadorias, os leitores óticos distribuídos no interior da loja para consulta de preços ou através dos celulares e da comunicação televisiva.

Em detrimento da presença das TIC, os sujeitos da EJA encontram-se interligados, independentemente da sua vontade, pois o mundo tecnológico penetrou no nosso cotidiano.

Neste sentido, faz-se necessário questionar: Quais os jovens e adultos que temos hoje na sociedade? Assim, para iniciarmos esta discussão, primeiramente afirmamos que os jovens e adultos que apresentamos nesta pesquisa são estudantes da EJA que foram excluídos da educação no tempo dito como regular de escolaridade, enquanto criança, por diversos fatores que vão desde os políticos, culturais, econômicos ou familiares, como enfatiza Oliveira (2010, p. 4): “O primeiro traço cultural relevante para esses jovens e adultos, especialmente porque nos movemos, aqui, no contexto da escolarização, é sua condição de excluídos da escola regular”.

A escolha da terminologia jovens e adultos que apresentamos busca a superação deste sentido, visto que não está apenas relacionada com uma questão cronológica que nos remete à idade, pois os sujeitos da nossa pesquisa têm idades entre 24 e 70 anos e possuem diversidade de gostos e interesses.

Entendemos a idade em sua relação com o meio, o contexto e a história de vida dos sujeitos, sejam estes: jovens, adultos ou idosos. Assim, compreendemos Jovens e Adultos como “não crianças”, de acordo com a perspectiva adotada por Oliveira (2010) quando ressalta que:

O tema “educação de pessoas jovens e adultas” não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural. Assim, apesar do recorte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”), esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo (OLIVEIRA, 2010).

Ainda segundo Oliveira (2010), refletir sobre o papel da educação nos remete a cultura na vida dos estudantes da EJA. Assim, é importante a valorização das experiências vivenciadas pelos sujeitos jovens e adultos que são mobilizados e pelas diversas tecnologias, dependendo das demandas situacionais enfrentadas no seu dia-a-dia e que contribuem para a constituição do funcionamento intelectual e educacional desses jovens.

Oliveira (2010) complementa ainda a nossa discussão constatando que podemos perceber, neste universo, que os sujeitos da EJA são homens e mulheres afrodescendentes e pardos pertencentes a coletivos populares. Parcela significativa desses sujeitos está desempregada e busca alternativas de trabalho nos serviços relacionados a atividades informais vinculadas ao comércio e ao setor doméstico. São também operários e operárias assalariados(as) da Construção Civil, Condomínios, Empresas de Transporte e de Segurança etc. Outros ainda, mesmo que na velhice ou em situação de aposentados, desejam continuar aprendendo ao longo da vida.

Nesta perspectiva, a ideia de homogeneidade – de faixas etárias, de tempos de aprendizagem, de conhecimentos, de mediações – é complexa nos tempos e espaços contemporâneos e não poderia ser diferente na EJA. A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver e pensar que se enfrentam entre modos distintos de construir identidades sociais e étnico-raciais e cidadania. Os sujeitos dessa diversidade tentam dialogar entre si ou buscam negociar a partir de suas diferenças e propostas políticas. Nestes espaços, os sujeitos são múltiplos e midiáticos e, ainda que existam sujeitos com perfis similares, é preciso estar atento para as trajetórias de vida singulares e potenciais que podem não se revelar de imediato, mas que podem, junto aos meios de comunicação, principalmente o meio televisivo, estabelecer vários tipos de mediação de acordo com o lugar social destes sujeitos.

Ainda sobre os jovens e adultos, Charlot (2003) ressalta que a vivência cotidiana de desigualdades sociais perante o mundo contemporâneo demonstra que os sujeitos interpretam

suas vivências e produzem sentidos sobre o mundo. Logo, ainda segundo Charlot (2003, p. 24), o aluno das classes populares, além de ocupar uma

[...] posição social dominada, é também um sujeito, um ser de desejo, que fala, que interpreta o que lhe acontece, que age de modo mais ou menos eficaz, que tem uma história pessoal incluída nas histórias mais amplas (da família, comunidade, sociedade, espécie humana). Se quer compreender o que acontece na escola, quais as relações [...] com o saber e o fato de aprender, é preciso levar em consideração sua posição social e o fato de que é um sujeito.

Neste sentido, amparados em Arroyo (2001), entendemos que outro fator relevante é o do lugar social reservado aos jovens e adultos que são marginalizados, oprimidos, excluídos ou violentos. Nessa perspectiva, quando pensamos nos sujeitos dessa modalidade educativa, a temática da exclusão social emerge também como fenômeno característico desses jovens e adultos. Entretanto, ao contrário do que podemos observar quanto à esta visão, é a de que o meio televisivo têm conseguido explorar este lugar social de forma a gerar mediações significativas a partir do cotidiano destes sujeitos, levando-os a ter contato também com outros grupos culturais e o consumo.

Junto a isso, consideramos relevante considerar que esses sujeitos são mensageiros de vários conhecimentos, fruto de suas interações com os meios, sendo o contexto sócio-cultural o espaço coletivo de aprendizagens.

Na medida em que nos preocupamos, na presente discussão, com a questão da compreensão das linguagens dos meios e da resignificação da leitura feita pelos sujeitos jovens e adultos, estamos salientando a capacidade e os modos de construção singulares que esses sujeitos têm para aprender após o contato com a televisão.

Sobre o contato dos jovens e adultos com a televisão, está em jogo o desejo artificial imposto pelo sistema capitalista dos conglomerados da televisão brasileira, mas também uma relação de identificação mediada por esse meio. Entretanto, para a televisão, não há sujeitos, mas indivíduos numerados, segundo os pontos do Ibope.

Neste contexto, a realidade das imagens geradas pela televisão oferece acesso em tempo real aos acontecimentos do outro lado do mundo e nos impõe, ao mesmo tempo, uma série de mediações que os sujeitos nem sempre percebem. Custamos a acreditar que algo esteja ocorrendo na realidade, mas quando acreditamos, via imagem, esse algo tende a virar dogma. É comum os jovens e adultos argumentarem "eu vi na televisão", como se nela não houvesse truques e interesses ideológicos.

Sobre o papel da televisão junto aos sujeitos da pesquisa, Gadotti e Romão (2005, p. 124) ressalta: “A televisão, em particular, por ter alcançado elevado padrão de qualidade e extensa penetração junto à sociedade, tem forte impacto na conformação da cultura, devendo, assim, ser mobilizada a contribuir mais diretamente com a EJA.”

Diante do exposto, podemos afirmar que a televisão é um meio de comunicação dominante e que intervém na formação cultural, pois assume lugar de agente diante dos imaginários dos sujeitos, possibilitando o reconhecimento social através do “Eu te vi na televisão” ou “Fulano apareceu na televisão”. O poder da televisão se evidencia, também, sobre a construção e a representação da realidade, assim, ao assistir a uma imagem na televisão, se tem a dimensão e a percepção imediata do real.

4.2 EJA E MÍDIA TELEVISIVA: ELEMENTOS DE COMPREENSÃO PARA A MEDIAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

A contemporaneidade na televisão sinaliza um alerta para as mensagens subliminares emitidas por este veículo que mobilizam os jovens e adultos e conclamam as instituições escolares que trabalham com a EJA a reverem a sua relação com os meios de comunicação.

A televisão ainda representa um desafio diante da complexidade contemporânea do capitalismo que transformou as relações dos seres humanos, democratizando o acesso às produções televisivas e possibilitando o diálogo entre sujeitos que vivenciam circunstâncias históricas semelhantes. Esta perspectiva corrobora para a manutenção do *status quo*, em favor da ideologia capitalista que se pauta com os princípios do consumo, do espetáculo e da banalização do cotidiano.

Não cabe refutar as tecnologias nem utilizar a televisão como panacéia de todos os males, mas ampliar a compreensão crítica dos sujeitos sobre o meio televisivo.

O objeto desta pesquisa consiste em investigar como os jovens e adultos da Boa Vista do Lobato ressignificam as mensagens veiculadas e o impacto desses programas televisivos transmitidos na Bahia. Neste contexto, entendemos que os sujeitos da pesquisa já trazem consigo muitas informações e conhecimentos através de imagens oriundas da televisão.

A mídia televisiva assumiu um lugar de manifestação cotidiana e se tornou espaço de socialização da cultura midiática, da construção das identidades, de sentidos e significados. A influência da mídia sobre a sociedade tem gerado vários comentários para a classe de pessoas

menos favorecidas financeiramente, os programas são fontes de informação da realidade e do que ocorre na cidade. Para as pessoas de classe privilegiada (classe média e alta), os programas são vistos como insignificantes. No entanto, as pessoas que moram em bairros populares podem encontrar, nesses programas, o suporte apropriado para atender às suas necessidades de justiça, apesar de terem suas vidas pessoais publicizadas.

Partindo do pressuposto de que existe uma relação entre a forma como os sujeitos da EJA são mobilizados e a influência causada pela mídia televisiva sobre esses sujeitos, houve a necessidade de aprofundar o conhecimento e o tipo de contato que os estudantes têm com a mídia televisiva, como, por exemplo, se todos têm acesso à televisão, quanto tempo ficam sob sua influência e quais programas mais assistem.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 CONHECENDO O LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa de campo do presente estudo foi realizada na Escola Municipal Engenheiro Gilberto Pires Marinho⁶, localizada na Rua João Rodrigues Mendes, s/n, bairro da Boa Vista do Lobato, Subúrbio Ferroviário de Salvador, e compreende os sub-bairros de Alto do Cabrito e Boa Vista do Lobato, além do Lobato propriamente dito.



Figura 1: Muro da entrada principal da escola.
Fonte: Fotografia tirada pela autora.

A Escola está inserida em uma região de classe baixa com diversos focos de carência em seu entorno. Em sua parte mais ao nível do mar é atravessado pela Avenida Suburbana e pela Linha Férrea Federal (ANEXO A).

A infraestrutura da Unidade Escolar é razoável e apresenta dez salas arejadas e equipadas com ventiladores, quadros brancos, armários, banheiros, sala de direção e cantina – onde é preparada a alimentação escolar – e área descoberta.

⁶ Fundada no dia 15 de março de 1983, de acordo com o D.O.M de 15/03/83, Ato de Criação 3670.

A Escola também possui vários recursos tecnológicos: 6 computadores de uso administrativo e dos professores, 25 televisores, 20 microssistemas, 1 retroprojeto, 1 episcopio⁷, 1 caixa amplificadora, 3 microfones, 2 impressoras, 2 impressoras multifuncionais, 2 máquinas fotográficas digitais, 2 mimeógrafos, 1 filmadora, 1 *datashow* e 20 aparelhos de DVDs. Tais recursos sinalizam que os meios de comunicação estão presentes também enquanto recursos na instituição.

Outro fator importante é que não existe registro de depredação na escola, pois a comunidade local valoriza a presença da instituição na região. Entretanto, a criminalidade e a oferta de drogas são problemas que assolam o entorno da instituição de ensino. Tal fator já foi um dos sérios motivos da evasão na escola. Os alunos respondiam a esta situação com o medo. E, em silêncio, se afastavam e não emitiam qualquer comentário sobre os fatos ocorridos.

Este silêncio, com o tempo, foi alterado diante da eminência de programas populares que tornou pública a situação de violência vivenciada por esta e outras comunidades em Salvador. Assim, também, passou a ser comum o relato e comentários dos estudantes sobre a violência, a criminalidade, enfim, a dura realidade do bairro e da própria casa. Estes são também os assuntos preferidos e motivadores para a ida dos estudantes da EJA à instituição de ensino.

É importante enfatizarmos que alguns estudantes frequentam também a escola no intuito de fazer a refeição servida na hora do intervalo (a merenda escolar). Outro fator relevante é que, devido à aprovação automática entre os ciclos de aprendizagem, é comum encontrarmos alunos com graves problemas de aprendizado.

A proposta pedagógica da instituição é inspirada em metodologias propostas por pesquisadores como Paulo Freire, Emília Ferreiro e Henry Wallon, Vigotsky e Piaget, primando pela construção do conhecimento, a partir da “vivência do mundo” em que o educando está inserido. Nesta perspectiva, no decorrer do ano letivo, o colégio procura integrar os alunos à comunidade local por meio de projetos, além de promover atividades pedagógicas que apresentem o objetivo principal de formar o aluno integralmente.

A Escola Municipal é composta por cerca de 20 professores qualificados para o trabalho pedagógico: 98% têm nível superior completo e 2% estão em curso. Dos graduados, 2% são pós-graduados na área de Educação.

⁷ Recurso tecnológico em forma de lanterna que projeta, sobre um quadro branco, imagens de suporte opaco ou de pequenos objetos com suas cores naturais.

A Unidade Escolar possui 770 estudantes matriculados entre os turnos matutino, vespertino e noturno do Ensino Fundamental, distribuídos em 10 salas de aula que funcionam com 10 turmas, no matutino, de Educação Infantil, 1ª e 2ª séries; 10 classes, no vespertino, de Educação Infantil, 3ª e 4ª séries; 04 classes de Ensino Fundamental Noturno (EFN), denominado em nossa cidade como Segmento de Jovens e Adultos (SEJA), com turmas de Estágios I, II, III e IV.

Os estudantes da referida instituição possuem faixa etária de 7 a 70 anos e residem, em sua maioria (cerca de 95%), no bairro em que está localizada a Unidade Escolar ou em bairros circunvizinhos. A faixa etária de estudantes apresentada é ampla, variando entre 24 e 70 anos e se explica devido aos diferentes níveis de educação atendidos pela escola.

5.2 CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

Fischer (2006) enfatiza que, no Brasil, a televisão tem tanta força na construção do imaginário social que investigar este veículo de comunicação significa investigar a nós mesmos e aos nossos humanos processos de construção enquanto sujeitos. Nesta perspectiva, entendemos que, na contemporaneidade, os meios de comunicação encontram-se tão incorporados em todas as relações sociais que passamos a considerar que eles não podem mais ser isolados da sociedade, pois já são instituições dela.

Martín-Barbero (2004) ressalta a importância dos exercícios de ver os meios de comunicação, com o intuito de ler nas entrelinhas, textos com imagens, sons, símbolos, movimentos, ritmos que são divulgados pela televisão e que, muitas vezes, trazem mensagens preconceituosas, que criam padrões de beleza e de eterna juventude e que estimulam o consumo de bens materiais e culturais.

No mundo contemporâneo, o cotidiano tem sido alterado e compreendido sobre a ótica capitalista que apresenta muitos exercícios do ver⁸, pois o consumo transformou-se no impulso da sobrevivência. A busca em sobreviver, confunde-se com a busca constante em consumir e repetir tudo o que é publicitado pela mídia. A necessidade transforma-se em

⁸ Denominação utilizada por Martín-Barbero, referindo-se à temática televisão, no livro **Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2. ed. São Paulo: UFRJ, 2004.

desejo, a violência em meio e as subjetividades florescem na história de vida e cultura dos sujeitos.

Como foi falado anteriormente, o presente estudo buscou investigar como os sujeitos da EJA ressignificam as mensagens produzidas pelo meio televisivo e o que a escola tem feito para mobilizar os desejos destes estudantes.

Para alcançarmos este objetivo, pretendemos refletir, a partir das contribuições dos estudos teóricos da comunicação social, através da teoria da recepção, já que as mídias são elementos centrais em qualquer reflexão que se queira fazer sobre a sociedade, bem como buscar subsídios nos teóricos da EJA que nos darão alicerces para situarmos os jovens e adultos no contexto midiático.

Os sujeitos pesquisados demonstram se identificar com programas transmitidos na televisão local. Esta aproximação, inclusive, foi constatada, observando os vocabulários utilizados nestes programas, como “o fumo vai entrar”⁹, “vamos lapiar”¹⁰, dentre outros. Neste sentido, o espaço não é neutro e está carregado de mensagens transmitidas pelos meios, inclusive pela televisão, que é o recurso tecnológico mais utilizado na comunidade e que influencia sobremaneira esta comunidade.

A influência dos programas televisivos na comunidade da Boa Vista do Lobato começou a se evidenciar quando esta Instituição Escolar apresentou dificuldade de manter os estudantes na escola devido ao alto índice de evasão (em torno de 70%). Neste ínterim, notamos que os fatos noticiados – como violência urbana, doméstica, abordagens policiais e crimes diversos – divulgados pela mídia levavam os estudantes à escola para comentarem sobre o assunto com bastante entusiasmo. Este foi um fator inquietador, visto que, anteriormente, quando estes incidentes ocorriam na comunidade, eram motivos de evasão escolar.

Diante do exposto, evidenciamos que a relação da televisão com os jovens e adultos envolve inúmeros aspectos que são determinantes para compreender a ação dos meios de comunicação na vida da comunidade. A pesquisa inclui, como ponto inicial, para a análise do tema, investigar os efeitos da televisão no espaço Boa Vista do Lobato, local onde estão inseridas as instituições escolares Engenheiro Gilberto Pires Marinho e Padre Norberto.

Partindo desta inquietação que ressalta a força da mídia televisiva, faz-se necessário levantar alguns questionamentos: Como os sujeitos da EJA ressignificam os conteúdos

⁹ Linguagem utilizada no programa para se referir à situação de descoberta de drogas pela polícia.

¹⁰ Linguagem utilizada pelo programa para convidar os telespectadores a ganharem dinheiro no quadro que oferece valor para sorteio.

televisivos transmitidos pelo programa *Se Liga Bocão* da Rede Record e que impacto têm essas mensagens nas suas vidas? Como a escola pode trabalhar esse poder televisivo no sentido de possibilitar a reflexão desses conteúdos?

Neste contexto, pretendemos analisar as especificidades e particularidades da relação dos estudantes da EJA da Unidade Escolar com a televisão, não somente mostrando as suas contradições, mas também desvelando a realidade de uma instituição maior que é a escola em seu diálogo com a comunicação e a educação e com os meios de comunicação. Para tal, usamos de uma variedade de fontes de informação, buscando interpretar a diversidade de opiniões.

Esta investigação utiliza as bases teóricas da pesquisa qualitativa enquanto estudo de caso que exige do pesquisador a ênfase em dados do ambiente total ou parcial, lançando mãos de estratégias e instrumentos, como entrevistas, questionários, análise documental, grupo focal e observação do ambiente natural. Assim buscamos privilegiar a consciência do sujeito, entendendo a realidade social como uma construção humana (TRIVIÑOS, 1995).

Junto a isso, levamos em conta as considerações sobre o estudo de caso na pesquisa qualitativa de Lüdke e André (2002), sinalizando que os estudos de caso visam à descoberta, quando o pesquisador busca novas respostas e indagações no desenvolvimento do trabalho, considerando que o conhecimento é uma construção que se faz e refaz constantemente quando se busca retratar a realidade de forma mais completa e profunda de forma qualitativa. Os estudos de caso usam de uma variedade de fontes de informação, almejando assim “[...] revelar uma maior multiplicidade de dimensões e de opiniões, uma vez que a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única unidade” (LÜDKE e ANDRÉ, 2002, p. 20).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa define-se de acordo com cinco características básicas que fortalecem o estudo da temática proposta: a pesquisa qualitativa que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados que são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo que é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida que são focos de atenção especial do pesquisador; a análise dos dados que tende a seguir um processo indutivo.

Partindo deste pressuposto, consideramos que, para investigarmos o nosso objeto de estudo – Televisão e a Mediação no programa *Se Liga Bocão*, a abordagem qualitativa de pesquisa nos favorece interagir com os sujeitos no ambiente natural, de modo que a presença do pesquisador não modifique significativamente o comportamento e as atividades que os

sujeitos apresentam. Porém, como nunca é possível eliminar todos os efeitos que o pesquisador produz nos seus sujeitos, é necessário que o mesmo aprenda a interpretar alguns dos seus dados em função do contexto (BOGDAN e BIKLEN, 1994 p. 70).

A escolha pela pesquisa qualitativa visa também compreender o comportamento e experiência humanos nos processos comunicativos, além do “processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem em que consistem estes mesmos significados” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 70). Esta percepção de pesquisa apontada por Bogdan e Biklen (1994) nos permite uma investigação qualitativa baseada em estratégias que considerem os dados fornecidos pelos informantes no diálogo, contudo, sem perder a objetividade e clareza que o presente estudo requer.

Partindo deste pressuposto, nesta pesquisa, utilizamos, para a coleta de dados, questionários, entrevista semiestruturada e três grupos focais. O método utilizado para o grupo focal e entrevistas foi o de análise de conteúdo (BARDIN, 1991; TRIVIÑOS, 1995). Este método privilegia a análise dos dados coletados, possibilitando a inferência que se pode partir das informações que fornece o conteúdo da mensagem. A análise de conteúdo incorpora um conjunto de procedimentos que incluem a classificação dos conceitos, a codificação, a categorização, entre outros. Bardin (1991 p. 153) ressalta ainda três etapas básicas para a análise de conteúdo: a **pré-análise**, que corresponde à fase de organização do material, a **exploração do material**, que focaliza o estudo aprofundado do material obtido, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos, e, por último, a **interpretação referencial**, que corresponde à análise aprofundada do material obtido, interpretando e desvelando o conteúdo latente que ele possui.

Nesta perspectiva, em nosso estudo, adotamos o procedimento de **Análise por Categorias**, caracterizada pela separação do texto em unidades e em categorias. Para esta etapa de categorização, optamos pela análise temática onde “a investigação dos temas ou análise temática é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas).” (BARDIN, 1991, p. 153).

A análise temática consiste em:

[...] descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) [...] podem ser, e são, frequentemente, analisadas tendo o tema por base (BARDIN, 1991, p. 106).

Diante do exposto, apresentamos no quadro a seguir as nossas temáticas de análise:

- **Primeiro grupo focal – Diálogos sobre o programa *Se Liga Bocão*: televisão e mediação na EJA:**
 1. Identifica o quanto realidade e ficção estão misturadas dentro do que se assiste na televisão;
 2. Distingue a qual público é endereçado o programa;
 3. Relaciona mensagens televisivas a fatos e acontecimentos de sua vida cotidiana;
 4. Percebe de que maneira somos interpelados pela televisão;
 5. Estabelece relações entre as cenas privadas levadas ao público pela televisão e o público levado ao ambiente privado familiar.

- **Segundo grupo focal – Interações de jovens e adultos sobre o papel da televisão:**
 1. Demonstra consciência do papel dos telespectadores na produção do que vai ao ar;
 2. Compreende o que aprende a partir do que assiste na televisão;
 3. Revela consciência de que a televisão se utiliza de códigos para atrair o interesse de expectadores e provocar o consumo, atendendo também a lógica do mercado;
 4. É capaz de identificar, numa mensagem televisiva, as linguagens utilizadas para a sua produção e transmissão;
 5. Consegue descrever a estrutura e pauta do programa.

- **Terceiro grupo focal – Reflexões sobre o uso da televisão na EJA:**
 1. Considera que a escola aborda as questões apresentadas pelos programas;
 2. Sente-se à vontade na escola para falar dos fatos explicitados no programa;
 3. Estabelece relação entre os assuntos escolares e a realidade vivenciada nestes programas;
 4. Percebe o uso e discussão dos conteúdos televisivos na escola;
 5. A escola aborda o conteúdo televisivo de forma satisfatória.

Quadro 1 – Temática de análise

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Para análise do material obtido, colocamos-nos na posição de intérpretes, buscando desvelar, através da linguagem como os sujeitos constroem o conhecimento e a relação que estabelecem com a televisão.

5.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO

Os sujeitos que nos propomos investigar são estudantes da EJA no ensino noturno da Unidade Escolar, entre eles, trabalhadores da construção civil, domésticas, catadores de marisco, pedreiros. A idade média dos estudantes está entre 21 a 70 anos.

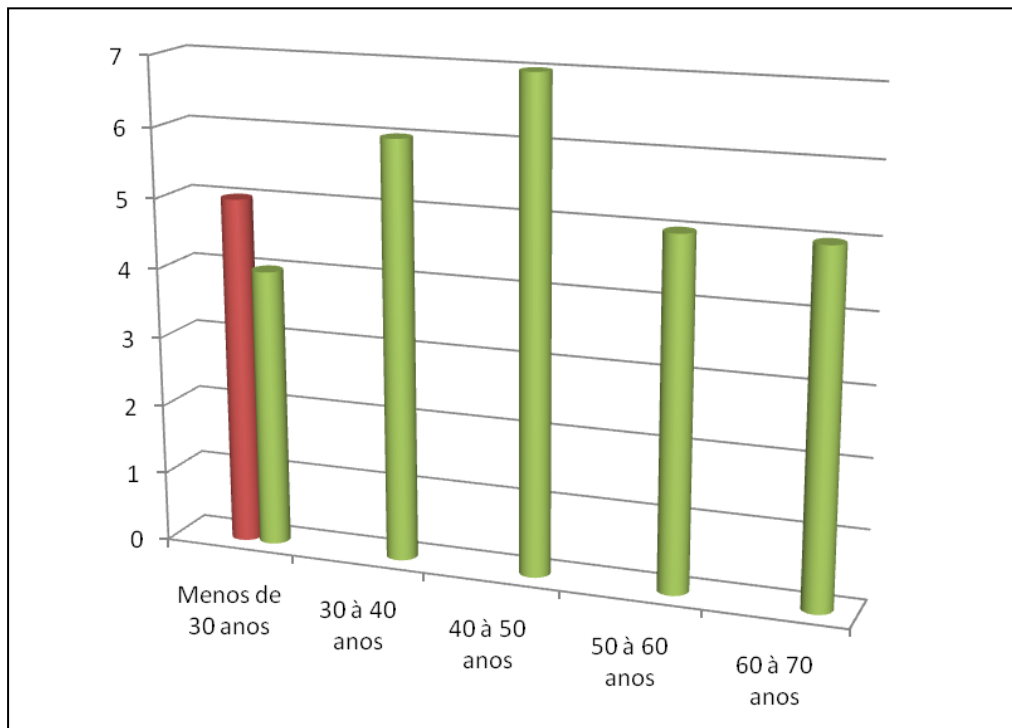


Gráfico 1 – Idade dos Estudantes da EJA.

Estes sujeitos de idades distintas possuem uma trajetória de vida marcada pela exclusão social e histórica, incluindo, neste aspecto, a exclusão escolar no período correto de escolarização. E têm, como uma de suas necessidades básicas, o retorno ao estudo, o interesse pelas questões ligadas às vivências como as relações com a família, os vizinhos, os colegas, a sexualidade, as drogas, a violência etc., que, geralmente, ocorrem no bairro e se manifestam também na escola.

Esta população de jovens e adultos tem características peculiares: hoje inserida no mundo contemporâneo apresenta um grande desafio para a educação atual, que é o de possibilitar a emancipação tecnológica desta população, pois, na sociedade atual, não cabe mais estudar fora de um contexto onde as mudanças são latentes.

Os jovens e adultos estabelecem relações com o meio social onde se inserem as mídias. Assim, é comum entre este público o uso de celular, cartões magnéticos, computadores, DVDs, além da televisão que já faz parte do seu contexto e vem sendo potencializada com a possibilidade de criação de pequenos vídeos criados pelos estudantes para compor os noticiários divulgados na televisão.

Diante do exposto, para realizar o estudo junto aos sujeitos, utilizamos alguns instrumentos, como questionário de pesquisa exploratória, grupo focal e entrevista com o apresentador do programa *Se Liga Bocão*.

5.4 O QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

O questionário de pesquisa exploratória foi aplicado com alunos da EJA no dia 26 de abril de 2010 e objetivou identificar a visão dos estudantes sobre a televisão, mas, sobretudo, conhecer suas preferências e atividades dentro de um processo mais amplo de suas relações com a escola, o lazer, o trabalho, a mídia e o tempo que esses estudantes utilizam nessas relações.

O instrumento de pesquisa (APÊNDICES A e B) foi respondido por 27 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, cuja faixa etária varia entre 24 e 70 anos. A escolha dos estudantes teve como critério único ser estudante da EJA da escola pesquisada.

A pesquisa de campo proposta aplicada através desta técnica de pesquisa buscou agrupar dados para analisar a leitura, os gostos e a visão dos estudantes da EJA na condição de telespectadores e a partir desta análise primeira, entender os conteúdos expressos pela televisão que influenciam nos gostos e ações dos jovens e adultos.

O questionário apresentou dados concretos de que, apesar da diversidade de idades e sexos dos estudantes pesquisados, os jovens e adultos apresentam gostos e críticas muito parecidas sobre os seus gostos e preferência televisivas.

No decorrer da análise dos resultados coletados, apresentaremos os dados ora representados em gráficos, ora em forma de texto verbal.

5.4.1 Análise dos Dados e Resultados

Os dados coletados no questionário exploratório, realizado em abril de 2010, conduziram-nos a compreender que, realmente, a Internet e os computadores não fazem parte do cotidiano destes alunos, no entanto a televisão é o recurso tecnológico presente na casa de todos os estudantes envolvidos no processo da pesquisa.

Para quem não acredita, basta sair às ruas, entrar nas casas, chegar à sala de aula e comprovar o que dizem as pesquisas: aproximadamente 80% de tudo o que as pessoas falam na rua, no trabalho, nas viagens etc. são assuntos que foram apresentados pelos meios de comunicação (GUARESCHI, 1999, 135).

Tal fato reafirma a necessidade de analisar as mensagens veiculadas pela mídia televisiva, tanto quanto de refletir, como Martín-Barbero (2004), e enfatizar que as classes populares pedem tudo da televisão, ou seja, o lazer, a informação, a cultura e, de certo modo, até a educação que tem a televisão como lugar privilegiado.

Estes questionários também apontaram o que os estudantes assistem e com que frequência o fazem. Vejamos os resultados: 27 respondentes colocaram, como programas preferidos, as atrações jornalísticas locais e de maior audiência, principalmente no horário de meio-dia, como representado no gráfico abaixo.

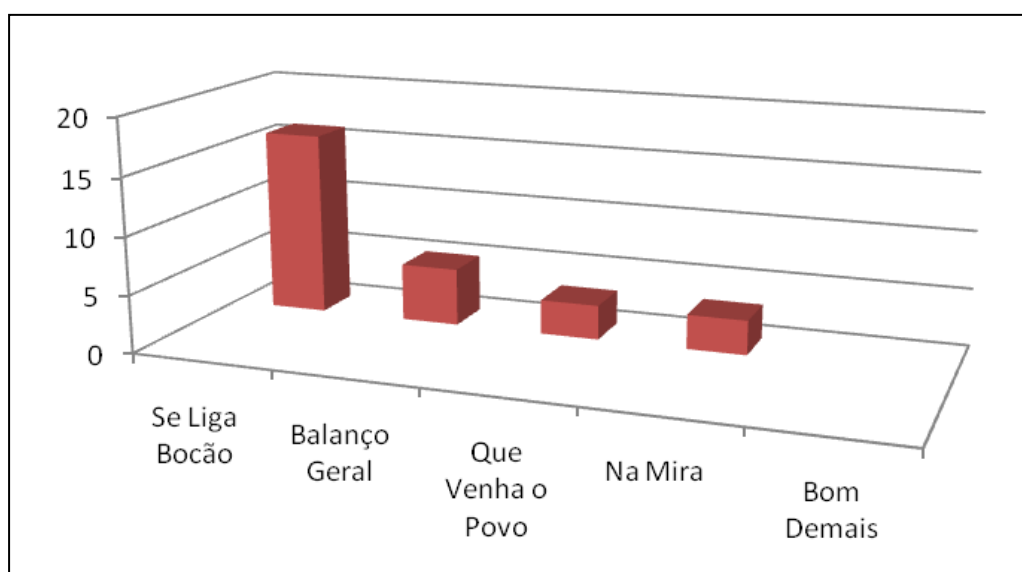


Gráfico 2 – Preferência dos Jovens e Adultos pelos Programas de Televisão.

Outro fator que se evidenciou foi a escolha do programa *Se Liga Bocão* como o preferido de 80% do grupo. O motivo principal da preferência apresentada pelos estudantes (GRÁFICO 2) foi estar informado do que ocorre na cidade e preencher espaços e o tempo. Assim, a televisão vai se reafirmando como o maior referencial na mídia, pois é a única que chega a 98% dos lares.

Fica, portanto, explícito que, para esse grupo de telespectadores, a televisão tem mais poder do que as demais mídias e exerce papel de relevância no cotidiano destes sujeitos. Como observado, os sujeitos gostam de ver a exibição da imagem das pessoas ou órgãos denunciados.

Questionados sobre com quem discute o que viu na televisão, 70% dos estudantes afirmaram que discutem com os amigos, o que demonstra o desejo de comentar com os colegas, como também a falta de diálogo na família ao se assistir a televisão.

Neste sentido, podemos compreender o quanto o conteúdo televisivo é mais discutido fora do lar, nas ruas, na escola, e o quanto é grande a atração de ver, saber e falar sobre o que se viu sobre os programas televisivos.

De acordo com Martín-Barbero (2004), a atração pela televisão tem mais haver com a vida cotidiana e menos a ver com o que nela passa. Assim sendo, “se a televisão atrai é porque a rua expulsa; é dos medos que vivem as mídias.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 41).

Sobre os docentes comentarem sobre os programas de televisão na escola, 90% dos estudantes afirmaram que os comentários ocorrem raramente, 5% julgaram fazer sempre e 5% pontuaram que poucos comentários são feitos. Entretanto, todos os jovens e adultos sinalizaram que consideram bom e importante quando os professores comentam sobre os programas de televisão, porque eles gostam de falar da realidade que observam nos noticiários, se sentem valorizados e isso torna a conversa mais interessante, especialmente quando são expostos pontos de vista diferentes.

Diante destes dados, constatamos que a televisão não é o meio mais utilizado ou discutido na escola, apesar de interpelar cotidianamente os estudantes, de estar como recurso presente em grande quantidade (25 televisores) na escola pesquisada. Por outro lado, é válida a preocupação de que é necessário desvelar para os docentes e para a instituição escolar as possibilidades enriquecedoras para formação crítica do docente para a mídia.

Segundo Orozco Gómez (2005 apud MATOS OLIVEIRA, 2009, p. 216), há necessidade de que os professores tenham uma formação crítica para as mídias, pois precisam entender que a lógica da linguagem tradicional escrita foi substituída por outra: a do hipertexto, do digital. As nossas capacidades ampliam-se para construir conhecimento através de diferentes linguagens, não somente a linguagem oral e escrita, mas também a linguagem visual e digital.

Nesta perspectiva, Martín-Barbero (2008) pontua que a escola nega os novos modos de ler, deixando sem apoiar a leitura dos livros, mas, sobretudo, a pluralidade de leituras de textos: orais, visuais, imagéticos, audiovisuais, hipertextuais e telemáticos. Assim, Martín-Barbero (2004, p. 59) nos chama a atenção para o fato de:

Ao reduzir a comunicação educativa à sua dimensão instrucional, isto é, o uso de mídias, o que se deixa de fora é justamente aquilo que é estratégico pensar: a inserção da educação nos processos complexos de comunicação da sociedade atual, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentralizado.

Martín-Barbero (2004) enfatiza-nos ainda um dos desafios mais graves que o ecossistema comunicativo faz à educação: a capacidade de um uso criativo e crítico das mídias audiovisuais e das tecnologias informáticas.

Os dados e informações coletados no questionário exploratório conduziram-nos a aprofundar mais a pesquisa com os jovens e adultos e sua relação com a televisão, tendo como base a relevância de investigarmos sobre a ressignificação das mensagens televisivas por eles realizadas em diferentes contextos. Surgiram daí outras inquietações derivadas de questionamentos que norteiam a nossa pesquisa: O que pode haver no programa escolhido pela maioria que tanto atrai os estudantes da EJA? Será que o programa pode estar denunciando elementos do cotidiano desses sujeitos? Qual o espaço que a televisão ocupa no cotidiano destes sujeitos? Até que ponto a televisão potencializa comportamentos de violência nos jovens e adultos? Como a escola enfrenta a imersão destes sujeitos na cultura midiática? Para darmos continuidade a investigação, partimos para a entrevista com o apresentador do programa escolhido *Se Liga Bocão* e para o nosso grupo focal.

5.5 ENTREVISTA COM O APRESENTADOR DO PROGRAMA

A escolha deste instrumento de pesquisa tem como finalidade conhecer a concepção de quem produz e apresenta o programa escolhido pelo grupo, bem como a relação estabelecida entre o programa e os sujeitos da pesquisa. Buscamos também embasar mais a investigação e manter uma corrente de informações imediata com o apresentador.

Optamos pela entrevista semiestruturada que, de acordo com Manzini (1991), é direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas. Junto a isso, utilizamos também gravador para captar todos os processos comunicativos, pois além de ouvir, o pesquisador precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado.

Atenta à perspectiva apresentada por Manzini (1991), comparecemos à entrevista com o jornalista e apresentador do programa *Se Liga Bocão*, José Eduardo, no dia 9 de janeiro de 2011, nas dependências da Rede Record, em Salvador, Bahia, especificamente na sala de produção do programa. O roteiro da entrevista foi norteado por dez questões, entretanto, no percurso, surgiram novas inquietações e também falas do apresentador sobre sua vida e objetivo do programa (APÊNDICE C).

Na referida data, chegamos à Rede Record, às 8 horas e 30 minutos, e fomos recebidas pela assistente de produção. O apresentador já estava na emissora, mas apresentava um programa de rádio. Neste ínterim, pudemos vivenciar um pouco da dinâmica de construção da pauta do programa. A produção recebeu vários telefonemas sobre denúncias e também buscou operações policiais para apresentar no programa. Dessa forma a pauta do dia vai sendo construída.

O apresentador e idealizador do programa José Eduardo, em conversa inicial, informou que o programa é composto pela seguinte equipe: Zé Eduardo, apresentador; Aldemir Venceslau, diretor Executivo; Cecília Sobrinho, coordenadora de produção; Catarina Matos e Aldemir Venceslau, editores; Adson Santana, João Kalil e Liana Cardoso, repórteres.

José Eduardo afirmou que o programa vai além do estúdio. Uma vez por semana, ele visita um bairro carente para levar um pouco de esperança aos moradores e se aproximar desta classe social que ele se identifica.

5.5.1 Análise dos Dados e Resultados

José Eduardo, o Bocão, como muitos preferem chamar o jornalista de 38 anos, considera que se destaca pelo jeito diferenciado de ouvir o povo e discutir assuntos do dia-a-dia. Com uma carreira de quase 20 anos, tornou-se referência do rádio e televisão baianos. Em nossa entrevista, o referido apresentador explicitou que “o sucesso do programa está justamente na prática de ação social. O programa se preocupa com o povo. O povo estava cansado de promessas, de ficarem gritando, batendo da mesa, sem resolverem nada. Então o que foi que eu fiz? Criei a ideia de ajudar o povo. O programa surgiu, na verdade, com o objetivo de ajudar as pessoas pobres, carentes, desempregadas e que estão passando necessidade. Até agora foram resolvidos mais de 198 casos. Claro que agente não consegue ajudar todo mundo, mas o importante é que as pessoas vejam que, pelo menos, ajudamos os mais necessitados”.

Diante do exposto, observamos que a mediação feita pelo jornalista, a criação de vínculo com a comunidade e a fonte de informação são de suma importância para o sucesso do programa, pois, para muitos telespectadores, a televisão é a única fonte de informação, e grande parte da população ainda se atualiza pelos noticiários da televisão e espera a resolução dos seus problemas pelos programas televisivos.

Outro fator importante é que o idealizador do programa também considera importante ajudar o povo e ressalta a assistência prestada pelo programa: “Até agora foram resolvidos mais de 198 casos”, o que nos leva a refletir sobre o que Guareschi (2010) afirma após estudos sobre o assistencialismo midiático.

Os programas de maior audiência eram mais assistidos e apreciados pelos telespectadores porque se ligavam a práticas assistencialistas que beneficiam seus participantes. Cunhamos, para designar essa descoberta, o termo *assistencialismo midiático*, por se constituir de ações assistencialistas executadas em meios de comunicação (GUARESCHI, 2010, p. 15).

Junto a isso, José Eduardo atribui à produção e aos temas que retratam a realidade do povo o sucesso da audiência e o interesse da população em assistir ao seu programa. O referido apresentador atribui à forma como conduz o programa a conquista do alto índice de audiência (16 pontos no Ibope), superando todas as demais emissoras locais (APÊNDICE C).

O interesse pela audiência é uma preocupação das emissoras de televisão e para todos os que atuam no campo da produção, programação e comercialização dos produtos

televisivos, tornando-a, então, o fator medidor do aspecto entre a produção e a recepção do público.

Outros fatores relevantes ressaltados pelo apresentador foram sobre o horário, o acolhimento que a população do subúrbio tem para com ele e a identificação que possui com a população carente. Assim, ele busca retratar e exemplificar a realidade para a população das classes C e D, sem preconceito, sem sensacionalismo, apenas retratando a realidade. José Eduardo diz: “Meu programa não é sensacionalista, mas sim apelativo, pois procuro usar o artifício da emoção, passar credibilidade, mostrar os fatos de forma clara como eles realmente são e acontecem. As pessoas consideram o programa sensacionalista porque mostra abertamente os fatos. Faço isso para conseguir a atenção das pessoas. Sou apelativo mais não sou imoral”.

Ainda para explicitar sobre a construção e sucesso do programa, o apresentador aborda a televisão como um meio de alerta para o público das classes menos favorecidas e ressalta que o programa tem muita força no meio do povo que acredita nas ações que o programa desenvolve seriamente. Ele diz ainda que a televisão precisa ser levada a sério e mostrar a realidade como ela é sem esconder. Ele afirma também que, mesmo em meio a ameaças de processos que sofre, continuará a trabalhar e a dizer sua palavra pela população carente que se identifica, pois este é o papel da televisão: servir a comunidade, sempre comunicando a verdade.

Neste contexto descrito pelo apresentador, observamos, em seu discurso, a ação social a que o programa se propõe. Entretanto, é importante frisar, como afirma Orofino (2005), que a televisão é também um centro comercial da comunicação que contempla grande concentração de capital. E nesse MCM são criados textos e jogos de imagens que é recebido pelo telespectador através da mediação tecnológica do aparelho de televisão. Este processo de mediação é resultado de um conjunto de trabalhos técnicos específicos que interferem nos referenciais culturais, nas audiências e, principalmente, na construção dos sentidos dos sujeitos.

Matos Oliveira (2009 apud OROFINO, 2005) complementa as nossas interpretações afirmando que a cultura da mídia tem um papel predominante na construção das subjetividades dos jovens e adultos e também dos docentes, ressaltando que a presença da mídia no cotidiano dos sujeitos está criando e multiplicando representações e enfatiza que “todos somos tomados pela informação audiovisual televisiva, que invade as nossas casas, nossa comunidade e a nossa cidade.” (MATOS OLIVEIRA, 2009, p. 216).

Assim podemos constatar que a televisão apresenta grande potencial e múltiplas mensagens através das diversas linguagens que contempla, que são objetos a serem

consumidos, e cabe à escola desenvolver as mediações enquanto um processo reflexivo. Como nos chama atenção Orofino (2005, p. 51):

As mediações não estão dadas. Elas se constituem enquanto ações reflexivas. E podem ocorrer de fato, tanto na esfera da produção quanto da recepção. Para o nosso caso, enquanto educadores, as mediações precisam ser potencializadas, desenvolvidas, trabalhadas.

Seguindo esta linha de pensamento, Martín-Barbero (2008) ao tratar do consumo audiovisual pelo receptor também ressalta que este não é só reprodução, mas também produção de sentidos. Segundo o referido autor:

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse de objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 292).

Ainda sobre a atuação da televisão, Guareschi e Biz (2005) complementam as nossas análises enfatizando que a mídia é comparada com o “coração” devido ao seu grande alcance. O coração da sociedade da informação, realidade na qual os indivíduos estão inseridos, pois viver atualizado é a forma mais moderna de desenvolvimento social. Os livros, os jornais e as revistas continuam, em seus textos, dados necessários à divulgação do conhecimento, entretanto a aceleração do desenvolvimento tecnológico veio desafiar a vida social através da exploração de informações por meio da junção de texto, imagens e sons.

Não restam dúvidas, a partir dos dados coletados e da ênfase dos referidos autores, que a televisão ajuda a construir a realidade da sociedade e contribui para alterações no modo de viver de inúmeros indivíduos, modificando sua forma de pensar, aprender, agir, viver e expressar suas ideias e comportamentos sociais. Um exemplo disso são os costumes adquiridos pelo homem ao longo dos anos, como as conversas em rodas de amigos e reuniões familiares, cada vez mais substituídas pela programação televisiva que hoje tem um lugar garantido no horário de almoço, horário este que, no passado, era destinado ao encontro da família.

Diante do exposto, cabe, então, à instituição escolar e aos educadores compreenderem a atuação da televisão na sociedade e colaborarem para oferecer aos jovens e adultos uma formação crítica através da interpretação, relação e contextualização dos conteúdos midiáticos e das experiências vivenciadas pelos jovens e adultos. Afinal, “o espaço da reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas.” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 292).

Destacamos ainda, em nossa entrevista com o apresentador José Eduardo, que a realidade demonstrada em seu programa, segundo ele, não é apenas um jogo de imagens no ar, mas revela até onde podem chegar os sujeitos. “Mostrar a realidade é um sistema de prevenção e ressocialização”. Neste ínterim, José Eduardo destaca: “Sei que a realidade é pesada, mas não pode deixar de ser demonstrada. Ali é a novela da vida real. Assim é que as operações policiais é o forte do programa, é um alerta. Cabe às pessoas fazerem a sua escolha.”

Quando o apresentador afirma “Cabe as pessoas fazerem a sua escolha”, chegamos ao ponto crucial da nossa pesquisa, pois acreditamos na necessidade do diálogo entre os MCM e a educação para colaborar no processo de escolha dos sujeitos diante dos processos de mediação utilizados pela televisão.

Para Martín-Barbero (2004, p. 20),

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e da recepção; o que se produz na televisão não responde unicamente as demandas do sistema industrial e os estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e os modos de ver.

Nesta perspectiva, a televisão é um agente mediador entre a sociedade e os sujeitos receptores que encerra na sua produção não apenas as dimensões do mercado, mas é responsável pela instauração de novas sociabilidades. Martín-Barbero (2004) enfatiza uma outra dimensão desse poderoso MCM:

Sem operar pelo seu próprio poder, a televisão revela os movimentos, mazelas, distúrbios que estão na sociedade e interferem nos modos de ver dos sujeitos, sobretudo dos jovens. É no contexto de desordem familiar que se insere a desordem cultural provocada pela televisão (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 56).

5.6 GRUPO FOCAL: CARACTERIZAÇÃO

A escolha deste método de pesquisa está relacionada aos objetivos do nosso estudo e ao fato de permitir que investiguemos colocações individuais a partir de uma discussão em grupo sobre as leituras que os sujeitos da EJA fazem da televisão, especialmente do programa *Se Liga Bocão*.

Escolhemos o grupo focal por garantir a participação de um número de estudantes da EJA para dialogarmos e discutirmos sobre o objeto da pesquisa, além de assegurar-lhes o

direito ao sigilo do nome e motivar os debates de forma a fazer com que todos os temas propostos sejam debatidos.

Após este primeiro momento decisivo de qual método utilizar, surgiu mais um momento importante: o da elaboração do **Roteiro do Grupo de Pesquisa**. Foi preciso mergulhar na proposta da investigação para criá-lo em consonância com as questões e objetivos da pesquisa. Assim, organizamos as questões-chave que propiciam o levantamento e a obtenção de informações acerca dos objetivos específicos propostos pela pesquisa. Para determinar o número de questões, tivemos como referencial o tempo de duração dos grupos focais, o qual foi pensado em uma hora, sendo que o debate de cada questão duraria em média de 10 a 15 minutos.

Os diálogos que surgiram nos grupos focais não foram descritivos ou expositivos, mas, sim, falas em debate, pois representaram os pontos de vista expressos discutidos pelos participantes.

Nos três grupos focais realizados, dos 12 estudantes investigados, sete são do sexo feminino e cinco do sexo masculino e possuem idades entre 30 e 60 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, todos estão cursando a EJA no Ensino Fundamental I. Pela renda familiar, seis são autônomos e não possuem uma renda específica salarial, quatro dos entrevistados ganham até R\$ 500,00 por mês e dois têm renda mensal entre R\$ 500,00 e R\$ 700,00.

Analisar o programa *Se liga Bocão*, que é o preferido pelos estudantes, foi um desafio. Assim, nos reunimos em três grupos focais que ocorreram em momentos diferentes, para que pudéssemos assistir ao referido programa. Como estímulo para o debate, era apresentado um vídeo com cenas resumidas dos programas que tinha como objetivo lembrar os participantes do conteúdo geral e estimular a discussão. O papel da pesquisadora no grupo focal consistia apenas em propiciar um clima conveniente para a troca de ideias, incentivando os participantes envolvidos e fazendo perguntas que pudessem aprofundar a discussão.

As falas dos grupos focais foram organizadas por temas em que foram observados alguns critérios de análise como a coerência lógica e de assuntos e ideias trazidos pelos grupos. Dentre o vasto repertório de respostas conseguidas através de grupos focais, selecionamos, para discussão aqui, apenas as informações que classificamos como referente a uma categoria que se revelou central e generalizada e que denominamos de Mediação Televisiva. A partir dos grupos, foi surpreendente constatar a referência que os participantes em geral têm sobre a escolha de um programa televisivo considerado bom e atraente: mostrar a realidade e a violência ocorrida na sociedade; trazer benefício, material ou financeiro, à

população; o apresentador precisa estar perto dos bairros populares, usar linguagem simples e precisa ajudar as pessoas a resolverem situações tanto de ordem social e política quanto econômica. Isso nos levou a discutir e interpretar esse instigante achado e a situá-lo dentro do nosso estudo.

Ao iniciarmos o processo de transmissão do programa, os estudantes presentes no grupo ficaram em completo silêncio, mas se mexiam na cadeira, faziam comentários baixinhos e demonstravam tensão diante do referido programa.

No primeiro grupo focal, o programa emitido teve como foco maior uma operação policial feita num bairro de Salvador. As pessoas corriam, as crianças gritavam e os bandidos tentavam a fuga, até conseguirem invadir uma casa e fazerem uma criança de refém. A polícia negociou a libertação da criança e o bandido foi preso, clamando pela presença da mídia por medo de ser morto pelas autoridades presentes. O programa contemplou também o quadro Bafafá¹¹, flagrou uma briga entre mulheres que se sentiam traídas pelos companheiros e um acidente ocorrido no centro da cidade onde houve dois feridos.

No segundo grupo focal, o programa emitido mostra a polícia fazendo “pente fino” para o carnaval, ou seja, uma operação policial para apreender drogas, sequência que mostra traficantes sendo presos nas ruas do Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador, e finaliza com o apresentador enfatizando como esses bandidos estão traficando em vários bairros da cidade. Logo depois entra o quadro “Vamos Lapiar”, que começa a chamar a atenção dos telespectadores para ligarem para a emissora para participarem de brincadeiras e ganharem prêmios cujos valores vão de um salário mínimo até R\$ 3.000,00.

No último grupo focal, o programa foi conferir uma briga de dois vizinhos de um bairro periférico da cidade por causa de um terreno e entrevistou algumas pessoas para saber suas opiniões. Depois foi o momento de mostrar os assassinatos de duas adolescentes decapitadas num bairro periférico e entrevistar os supostos criminosos. E finalizou com o quadro “Quero meu amor de volta¹²”.

¹¹ Quadro conduzido pela repórter Liana Cardoso e construído a partir de briga entre vizinhos. Os temas tratados neste quadro envolvem brigas e desentendimentos.

¹² Nesse quadro, as pessoas contam seus problemas afetivos e tentam reatar relacionamentos.

5.7 OS GRUPOS FOCAIS

Primeiro grupo focal - Diálogos sobre o programa *Se Liga Bocão*: televisão e mediação na EJA.

Os participantes evidenciam, logo de início, o apreço dos telespectadores nesse programa televisivo e em noticiários transmitidos pela televisão. Essas informações são as mais frequentes.

A estudante Vana, 45 anos, diz: “Não gosto de violência, mas o programa mostra mesmo a realidade. A vida é assim e tem mais que mostrar. Falo logo para o meu filho, quando vejo essas cenas policiais, que, se ele não se cuidar nem estudar, vai acabar nesta mesma história. É isso mesmo, não devia deixar este bandido vivo. Tem que dar exemplo”. Já a aluna Jita, 52 anos, fala que “o programa é muito bom porque mostra uma situação que a gente sabe que acontece. Aí não foi inventado. Mas o pior é que tem gente que aprende e quer fazer igual”. Enquanto a estudante Ana, 56 anos, finaliza: “Gosto deste programa por isso, mostra o que precisamos assistir”.

Os fragmentos acima demonstram que as estudantes identificam a realidade, entretanto, em momento algum, estas explicitam que a ficção também está fazendo parte do que a televisão transmite. A estudante Jita ressalta bem esta questão em concordância com os demais participantes, afirmando que o programa mostra uma situação que a gente sabe que acontece: “Aí não foi inventado. Mas o pior é que tem gente que aprende e quer fazer igual”.

Observamos, diante dos discursos apresentados, que a comunicação da televisão atribui valores à realidade e nos faz reafirmar o que Guareschi e Biz (2005, p. 42) dizem com propriedade: “A mídia não apenas diz o que existe e o que não existe, mas atribui valores, no sentido do que é bom ou mau. Eis como são criados muitos valores que nos põem a agir. Assim imagens midiáticas, sobretudo estas, nos motivam e impulsionam.”

Esta é uma manifestação da força dos MCM, principalmente da televisão, diante da vasta experiência televisiva dos sujeitos em seu cotidiano.

Continuando a nossa discussão sobre a preferência do referido programa, os sujeitos da pesquisa disseram preferir assistir ao telejornal *Se Liga Bocão* por apresentar as seguintes razões: tem mais informações, só assistem telejornal no horário do almoço, gostam de assistir a Rede Record, pois passa a verdade sem mentiras, querem também acompanhar o dia-a-dia das pessoas que convivem e estão sempre informados sobre o bairro. Além disso, ressaltam

que o consideram o melhor telejornal. Os estudantes também justificam a preferência pelo programa por mostrar os problemas da população e ajudar a resolvê-los.

As falas acima são, a nosso ver, claramente reveladoras do papel do programa e de sua força ao legitimar uma dada realidade. As pessoas esquecem suas situações, suas necessidades e direitos, projetando-se e identificando-se com o apresentador e a pauta do programa.

Os participantes do Grupo Focal ainda pontuaram que o programa *Se Liga Bocão* os despertam para a cidadania e afloram sentimentos quando demonstra os fatos vividos nos bairros periféricos da cidade. A estudante Lau, 55 anos, confirma: “Quando assistimos uma reportagem, isso nos influencia. Quando vimos a situação dos bairros, de injustiça, de violência, até choramos. Temos que aprender com isso, dar mais valor, sentido... Fico mesmo pensando que é preciso falar, pensar e estudar sobre tantos sentimentos e penso logo em lutar pelos meus direitos de botar a boca no trombone”. Já a estudante Lita, 32 anos, diz: “Um apresentador que faz pelo povo a gente tenta imitar, admirar e até usar as palavras que ele usa. Isso mostra que assistimos o programa. Mas tem horas que a gente vê umas cenas e toma uma raiva e quer lutar por um mundo melhor, quer justiça!”. E uma outra estudante, Ceo, 60 anos, nos conta: “Como pode, né, se a gente vê o povo falando de um problema de briga de vizinho e de violência, a gente até ganha coragem para falar, de procurar mesmo a televisão para resolver os problemas da rua, ser cidadão, porque a delegacia não dá em nada”.

Partindo das exposições feitas, concordamos com Baccega (2003, p. 14): “a televisão é o mais importante componente, espaço de convergência de vários saberes, fundamental a construção da cidadania”. Assim, quando a estudante Lau mostra sua percepção sobre televisão, enfatizando que esta mexe com suas emoções e sentimentos. A partir desta fala, a estudante revela características da ação televisiva, ao mesmo tempo em que expõe a necessidade de uma educação para compreender as mensagens televisivas. De acordo com Baccega (2003, p. 12), “entre o telespectador e a televisão manifesta-se uma série de aspectos do universo do receptor, os quais determinam a interpretação que ele faz do que está vendo.”

Tais aspectos são sinalizados pelos estudantes da EJA quando manifestam seus sentimentos e sentem-se mobilizados e convocados diante das cenas transmitidas pelo programa. Estas cenas são tão fortes que os telespectadores possuem sentimentos fortes de identificação com os programas, adquirindo outros modos de percepção como enfatiza Martín-Barbero (2006, p. 54): “a tecnologia remete hoje não a alguns aparatos senão a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras”.

Ferrés (1998, p. 268), ao explicar sobre a sensibilidade e a experiência televisiva dos sujeitos, afirma que “nas comunicações de massas, o receptor opõe resistências, de maneira

consciente ou inconsciente, em função de sua sensibilidade, de sua ideologia, de sua atitude diante da vida em geral e diante do meio ou da mensagem em particular.”

Neste contexto, as mensagens televisivas estão relacionadas pela identificação e atitude do destinatário, mas sem que, muitas vezes, se tenha consciência disso. Os efeitos inconscientes por sua vez estão relacionados ao ambiente vivido pelas pessoas, ou seja, uma pessoa que vive num meio social hostil em relação a um determinado tipo de programa de televisão terá maiores possibilidades de manifestar uma atitude idêntica em relação a ele e vice-versa (FERRÉS, 1998, p. 269).

Sobre o destinatário – o público que é endereçado o programa –, os participantes logo caracterizam como um programa para o povo. A estudante Joa, 60 anos, diz que “a televisão é o meio mais eficiente para resolver os problemas pessoais, do bairro pobre e da cidade”, a aluna Lai, 54 anos, afirma: “o programa é feito para o povo, só passa mesmo as nossas dificuldades, do que vivemos. Tem dia que passa assalto de “buzu” e a gente vai se cuidando, é assim que eu vejo a televisão” e a estudante Lut, 34 anos, fala que “a televisão é muito importante e o programa *Se liga Bocão* ajuda muito as pessoas, arranja advogado e ensina. Bocão é o homem do povo”.

Nesta perspectiva, os estudantes consideram que a televisão ensina e isto pode ser um grande aliado no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico.

Assim é que, na discussão sobre a relação das mensagens televisivas, fatos e acontecimentos de sua vida cotidiana pela televisão, os participantes pontuaram: a estudante Let, 30 anos: “Na minha vida eu preciso do programa. Saio de manhã e só chego à noite. Eu e minha família, a gente só sabe de algo se aparecer no programa. Um dia desses, meu irmão sofreu um acidente na avenida Suburbana. Eu só soube para dar assistência a ele no programa. Se não fosse assim, eu não saberia. Dou graças a Deus de existir programas como este. Na minha vida tudo que sei hoje eu vi na televisão. Luto pelos meus direitos... Qualquer coisa que sei passou na televisão, corro atrás”; enquanto a estudante Léa, 29 anos, disse: “Eu vejo o programa porque, se sei que teve uma confusão, já tento não ir para aquele lugar. Fico tão nervosa quando vejo estas cenas de violência. Nem sei o que se passa dentro de mim. Um medo!”; já a aluna Leu, 33 anos, fala: “A coisa está feia. Eu assisto, é uma realidade triste. Mas a gente tem que ver e se cuidar. É briga de vizinho, baixaria, mas o povo gosta disso. O povo acha bonito. É marido esculhambando a mulher. Tudo da vida particular de cada um, assim na televisão, para todo mundo ver. Lá na rua mesmo, qualquer coisa o povo chama o programa e aí é aquela zoada”; e por último, a estudante Loa, 32 anos: “O povo tem medo

quando diz que vai chamar o programa e logo fica quieto. É “mulher de escândalo” que gosta de sair na mídia e fazer sucesso. Acho isso ridículo!”

Alguns estudantes falam sobre a importância do programa em suas vidas e dizem compreender a sua eficiência em ajudar as classes menos favorecidas e proporcionar chances para as pessoas mudarem sua condição desfavorável, suas ideias. Percebemos que os sujeitos, mais do que a escola, compreendem a intensidade potencializadora da televisão na vida e no cotidiano das pessoas.

A estudante Lau diz: “Não perco o programa *Se liga Bocão*. Quero ficar bem informada. Quero meus filhos sabendo da realidade que temos ao nosso redor. Tenho pavor só de pensar! Quando vejo aquelas mães chorando perto do corpo do filho estendido... morto. Ah! Me dá mesmo uma dor no coração!”, enquanto Lea, outra estudante: “Assisto o programa por hábito, já virou um hábito no horário de almoço assistir *Se Liga Bocão* com a família. Não Perco!” A estudante Jita afirma: “Quando assistimos uma reportagem, isso nos influencia, quando vimos a imagem do nosso bairro, do subúrbio, gente como a gente..., temos que aprender a lidar com isso, dar sentido a tudo isso. Acho que o negócio é falar, conversar com as pessoas e se informar sempre”. Já a estudante Ceo: “A gente sempre comenta com os colegas e a vizinhaça, né? Então acho que ficam sabendo o que nós mais gostamos de assistir, e aí a televisão passa. E a aluna Vana afirma: “Gosto de assistir estes programas para saber também das notícias ruins e me precaver”.

Diante dos intensos relatos podemos constatar, como afirma Baccega (2003, p. 12), que “a televisão constitui hoje a grande mediadora entre nós e a realidade objetiva”. Assim é que, no primeiro Grupo Focal, discutirmos a categoria mediação, identificamos que a televisão produz efeitos na vida dos sujeitos, leva emoções, mexe com os sentimentos sem que as pessoas tenham clareza do que acontece no seu interior. Ao mesmo tempo, a mídia televisiva encanta, é mágica, possibilita aparecer, ver seus direitos atendidos e cobrados para que todos vejam que o poder público não está cumprindo seu dever e dando os devidos direitos que as pessoas possuem. A esperança!

Segundo grupo focal – Interações de jovens e adultos sobre o papel da televisão.

Antes de iniciarmos propriamente dito o grupo focal, fomos surpreendidas de forma inusitada com a fala de um dos participantes.

A estudante Lita nos disse: “Professora, lembrei de você nesta quinta. Eu estava assistindo o programa do *Bocão* e vi as cenas policiais, uma mulher falando do tio que abusou sexualmente do filho. Um horror! A senhora precisava ver! *Bocão* pedia para gente ligar,

mandar mensagem de Internet dizendo a opinião da gente para o programa! Sabe, teve uma hora que fiquei pensando no encontro passado que teve aqui. Acho que o que passa no *Bocão* e a forma como ele fala todo mundo devia ver, olhar e tentar entender bem. Acho que a gente precisa entender bem o que a televisão faz para a gente assistir e aprender e entender!”

Esta fala da estudante Lita demonstrou estabelecimento de relação entre o que a estudante assistiu na televisão e o que estamos discutindo nos encontros para falarmos sobre esta mídia. E, ao mesmo tempo em que é uma afirmação de que ela considera que aprende com a televisão, isso não revela uma compreensão crítica para a referida mídia. Este comentário também ressalta a importância que a estudante confere ao fato de poder dizer sua opinião na televisão.

Com esta expressão de Lita sentimos que a discussão proposta no grupo focal iniciou antes mesmo de ser explicitada, foi com este pensamento que começamos as atividades com o grupo que assistiu o programa *Se liga Bocão*. Começamos a discussão do primeiro tópico que diz respeito à consciência e de que maneira os telespectadores ajudam o que vai ao ar.

A fala da estudante revelou que a presença da televisão faz parte do cotidiano dos jovens e adultos e vai se constituindo conforme eles se relacionam com o mundo de imagens que os cercam. Martín-Barbero (2008) denomina esta presença televisiva como revolução do *sensorium* individual e coletivo, criando novas relações e percepções a partir dos usos dos meios. O referido autor aponta ainda que hoje a presença permanente da tela ligada é o que segura o telespectador, sendo mais atrativo o fluxo das imagens do que o conteúdo do seu discurso.

A aluna Ceo diz: “O programa sabe o que o povo gosta porque a gente assiste, também o programa vai às ruas e vê a emoção e os problemas das pessoas. Quando a gente fala na televisão, estamos ajudando a fazer o programa”. Já a estudante Leu: “Também tem outra forma de se fazer o programa, é gravando as coisas na rua e mandando. Nunca antes a gente fazia isso”. Enquanto a aluna Exp afirma: “A gente ajuda sim, professora, a fazer o programa que vai ao ar. Não é à toa que Bocão vive dizendo que bateu a audiência e pede para a gente não sair do canal que já volta com a reportagem. Dar audiência é uma forma de dar dinheiro e colaborar com o programa.” E a estudante Lau: “Os programas procuram é o povo para fazer notícia. Hoje a notícia é de morte, de crime, de assaltante. Então os programas dependem deles para terem gente assistindo [...] e da gente para ver o programa”.

Tais diálogos demonstram que os estudantes sabem de que maneira os telespectadores ajudam a produzir o referido programa e mostram aos emissores o que querem que seja exibido ou continue no ar, pois afirmam que o programa depende dos telespectadores para

fazer a audiência. Assim é que a estudante Lau, em sua fala, reafirma: “[...] Então, os programas dependem dos fatos para terem gente assistindo [...] e da gente para ver o programa”.

No que tange a aprender o que assisti na televisão, as respostas foram unânimes. Todos os presentes afirmaram aprender com a televisão. De acordo com a estudante Exp: “O programa *Se Liga Bocão* ensina várias coisas da vida, da cidade, de trabalho e de drogas para quem quer entender. O apresentador fala claramente e mostra a realidade. Só não aprende quem não quer!”

Diante dos diálogos estabelecidos, vimos que não é possível descartar a televisão como instrumento de informação, entretenimento e educação. É tão forte seu poder de atração que atualmente chega a ser uma grande concorrente da própria escola. Vimos nos olhos dos alunos e nas falas sua fascinação pelo programa televisivo e vínculo com o apresentador. A estudante Jita reafirma esta constatação quando diz que “com o programa *Se Liga Bocão*, ela se informa sobre os bairros, se tem aulas nos colégios, se a família vai bem. Afinal, todo mundo é pobre, se tiver alguma coisa vai dar é notícia. Mas também me divirto, tem coisas que penso nas confusões daqui da rua e até posso escutar as músicas e cantores que vão ao programa”.

Neste sentido, os estudantes revelam também que a televisão se utiliza de códigos de linguagens para atrair os telespectadores. Especificamente, eles demonstram saber nomeá-los conforme linguagem culta, mas, no diálogo das estudantes Jita e Exp, fica evidenciada as situações utilizadas pelo programa para manter sua audiência.

Sobre a descrição da organização da pauta do programa, os estudantes afirmam conhecer e todos afirmam que a pauta é sempre a mesma. A aluna Lau diz: “A pauta fala primeiro do que não está bem na cidade, dos problemas, melhor dizendo; depois, das operações policiais. Vem a hora do Lapiar (de dar dinheiro a quem acertar a pergunta) e dos quadros, como Bafafá e Quero meu amor de volta. Mas, neste caso, depende do dia”. Já a estudante Vana fala: “Realmente a pauta é sempre a mesma, só mudam os acontecimentos que aí vai depender das denúncias, se teve alguma morte, acidente..., mas sempre tem. E a estudante Ceo encerra: “Como disse, sempre assisto porque é certeza saber de todas as notícias... Já até sei a ordem que as informações vão passar. Fico ligada! Quando ele começa a enrolar um pouco, vou logo dar uma olhadinha em outro programa”.

A análise dos dados permitiu a aproximação das situações observadas no campo com televisão proposta por Orozco Gómez (2006) que afirma que os sujeitos, membros de uma audiência, concretizam “estratégias televisivas” através de contratos de vivência de onde se

relacionam com outros formando “comunidades de apropriação e interpretação” dos referentes televisivos. É desse contato estreito com tais comunidades que surgem as múltiplas mediações de que ele fala. Como todas as comunidades partem da cultura e são implicadas nela, todas nos remetem às mediações que fazem parte da construção social dos sentidos.

Martín-Barbero (2004) também enfatiza que é impossível saber o que a televisão faz com as pessoas se desconhecemos as demandas sociais e culturais que as pessoas fazem à televisão. “Demandas que põem em jogo o contínuo desfazer-se e refazer-se das identidades coletivas e os modos como elas se alimentam e se projetam sobre as representações da vida social oferecidas pela televisão.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 40).

Terceiro grupo focal – Reflexões sobre o uso da televisão na escola na EJA.

No terceiro e último encontro abordamos o tema Educação de Jovens e Adultos e sua relação com a escola. Para isso, assistimos mais um programa *Se Liga Bocão*, gravado, e iniciamos os nossos debates.

A nossa primeira questão de debate foi sobre como os estudantes consideram que a escola aborda as questões apresentadas no programa. A estudante Jita nos diz: “Dos assuntos da televisão a escola não fala. Não tem comparação, a televisão é mais real e informa mesmo sobre o que a gente precisa saber logo”.

Nos relatos do Grupo Focal, percebemos que todo o roteiro previsto para esta nossa discussão se esgotou numa única questão. Há nas falas dos estudantes a exigência de uma escola mais bem preparada para enfrentar os desafios de uma educação midiática. Mais uma vez a estudante Jita diz: “Nas escolas tinha que ter conversa sobre a televisão. Não tem jeito, porque senão vai ser sempre isso aí. Todo mundo assiste, conversa e a gente fica sem entender bem o que está se passando porque a escola finge que não acontece”. Enquanto a estudante Lita afirma: “Eu acho que se os colégios oferecessem para os alunos uma discussão sobre a televisão e assistissem para poder abrir os olhos dos alunos... A gente precisa cobrar deste governo, da escola. Já a aluna Ceo: “A televisão é que eu acho mais interessante do que as aulas. São diferentes. Uma é aquela realidade que acontece naquele momento da aula, a outra é para o futuro, sabe. A escola só quer saber do que tem em livro”. E a estudante Exp conclui: “Eu acho que as escolas públicas têm condições de discutirem mais sobre a televisão, mas não fazem! Seria importante se as escolas oferecessem para os alunos está educação para entender o que a televisão realmente diz, para que na hora de sair para o mundo lá fora, na hora de procurar o seu mercado de trabalho, não vou dizer totalmente preparado, mas pelo menos com um pouco de conhecimento... Eu acho que é muito importante”.

Nas falas dos participantes evidencia-se que a escola não atende aos seus anseios, especialmente quanto ao uso e discussão sobre a televisão. E, ao mesmo tempo, ressalta que em todos os momentos de nossas vidas estamos sendo educados. Junto a isso, é notório que os jovens e adultos constataram que a escola rejeita outros saberes e outras modalidades de apropriação da realidade, conforme afirma a estudante Ceo: “A escola só quer saber do que tem em livro”.

Outro fator relevante apontado nos discursos dos estudantes é que eles consideram que aprendem coisas importantes e de utilidade na televisão. Sobre este aspecto, Belloni (2001, p. 31) destaca que as pesquisas sobre mídia e educação apontam que os jovens “[...] em sua maioria, consideram que aprenderam algo importante e sério pela televisão. Para eles, a telinha tem uma legitimidade, como fonte de saber semelhante à escola.”

Destacamos ainda que os estudantes também se sentem à vontade para abordar os conteúdos televisivos com os colegas, mas, como assuntos de escola, não se sentem tranquilos e afirmam que os conteúdos televisivos não são discutidos pela escola, apenas criticados.

Para Gadotti e Romão (2005), a discussão dos temas apresentados no telejornal ou por outro gênero televisivo, numa perspectiva crítica, exige da escola mudanças. É preciso que a escola e docentes denunciem os limites com que as mídias representam a realidade – e isso hoje também é papel da escola – e compete aos professores indagarem sobre como a mídia demonstra para o mundo esses limites entre o real e a representação midiática. Para maior entendimento sobre o papel da televisão, Gadotti e Romão (2005, p. 24) enfatiza ainda que “o que as mídias mostram são mediações e não a realidade. São representações e não a verdade.”

Sobre estas constatações, Martín-Barbero (2004, p. 40) convoca a escola e os educadores aos exercícios do ver o mundo televisivo, conclamando que é impossível saber o que a televisão faz com as pessoas se desconhecermos as demandas sociais e culturais que as pessoas fazem à televisão.

Matos Oliveira (2009) destaca que para entendermos as transformações que os meios de comunicação exercem no sistema educativo é preciso que pensemos também na importância de superar as relações tradicionais de aprendizagem: aluno como receptor passivo em oposição às interações que hoje podem ser propiciadas pelos meios de comunicação, onde o aluno é ativo, autônomo e sujeito da sua aprendizagem.

Ainda segundo Matos Oliveira (2009, p. 218): “A escola é o local de recepção crítica da mídia. [] Torna-se, portanto, necessário trazer para o debate crítico a maneira como as mídias entram na escola e sua possibilidade de uso no espaço escolar.”

Diante do contexto apresentado neste encontro, concordamos com Orozco Gómez (2006) e Matos Oliveira (2009) quando afirmam que a educação para as mídias é papel da instituição escolar e só poderá realizar-se à medida que os sujeitos assistam televisão e montem estratégias direcionadas para os conteúdos, as formas e os formatos televisivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mudar é difícil, mas é possível.”

Paulo Freire

Aproximando-nos do ‘fim’ que vimos ser um recomeço – uma pausa – visto que nenhum assunto consegue se esgotar num estudo. Dedicamos este espaço às nossas últimas reflexões a respeito das considerações sobre o objeto de estudo que escolhemos para investigar. Últimas, porque em algum momento precisávamos finalizar a escrita. Provisórias, porque fica o desejo de darmos continuidade às nossas explorações sobre o universo da televisão e os sujeitos da EJA. Entendemos que a incompletude está presente em tudo. Assim, o nosso texto convida a novas aventuras, se não da autora que o escreve, de pesquisadores que enxerguem brechas em que possam atuar. Por sinal, este é um provisório, entre muitos contemporâneos que vivenciamos.

Ao pensarmos no início desta escrita, percebemos o quanto nosso objeto de estudo cresceu e se tornou complexo diante do fato de investigarmos os sujeitos que vem de uma história de lutas, avanços e retrocessos. Desde o instante em que começamos a pensar sobre o nosso objeto, este recebeu recortes, caminhos, novas ideias e olhares. Investigamos o contexto contemporâneo da globalização e dos MCM, em especial da televisão. Encontramos uma pista para explicar o sucesso da televisão junto ao público da EJA e, com isso, constatamos o quanto os sujeitos interpretam e agem no mundo à sua volta com base em suas capacidades perceptivas, aguçando os gostos e sentidos, a partir das imagens que estimulam a capacidade sensorial. A respeito de tal constatação, a estudante da EJA, Lau, afirma: “Quando assistimos uma reportagem, isso nos influencia, quando vemos a situação dos bairros, de injustiça, de violência, até choramos, temos que aprender com isso, dar mais valor, sentido – pausa – fico mesmo pensando que é preciso falar, pensar e estudar sobre tantos sentimentos, penso logo em lutar pelos meus direitos, de botar a boca no trombone.”

Comparando os sentidos do que é transmitido pela televisão com os construídos por seus espectadores, percebemos o quanto a vida cotidiana é explorada pelo programa televisivo *Se Liga Bocão*. Fica evidente que seus produtores procuram trabalhar em cima de valores e da representação do cotidiano, especificamente dos jovens e adultos, como garantia de audiência

e sucesso televisivo. Entretanto, vale salientar que os sujeitos receptores fazem a releitura desta recepção a partir de suas histórias de vida.

Constatamos que os sentimentos, os conflitos diários e a violência urbana são o pano de fundo em que acontecem as mediações no processo de recepção do programa *Se Liga Bocão*, escolhido pelo grupo.

As emoções e a identificação com a televisão são os elementos estruturantes que se mostraram mais significativos na interação dos sujeitos com o programa jornalístico. Dessa forma, vimos o quanto é imprescindível a necessidade de conhecermos a fundo a mediação realizada pela televisão e pela escola junto a jovens e adultos. Constatamos também que vários pesquisadores, como Martín-Barbero (2004), Baccega (2003), Ferrés (1998), entre outros, mencionam que a cena tecnológica e midiática, em especial da televisão, é um cenário importante no palco das práticas culturais cotidianas.

Nesta perspectiva, reafirmamos que a televisão é uma tecnologia criada desde os anos 50, entretanto, ainda detém a atenção dos sujeitos compondo o cotidiano dos telespectadores através dos conteúdos transmitidos que têm, como referência, a realidade vivenciada.

Assim é que em nosso estudo sobre a televisão e mediação na EJA, o programa *Se Liga Bocão* possui especial destaque na vida dos sujeitos pesquisados, conforme explicitado pela estudante Jita: “O programa é muito bom, porque mostra uma situação que a gente sabe que acontece. Aí não foi inventado, mas o pior é que tem gente que aprende e quer fazer igual”. A estudante Lau, em nosso grupo focal, evidência esta constatação ao afirmar que: “A coisa está feia. Eu assisto ao programa, é uma realidade triste. Mas a gente tem que ver e se cuidar. É briga de vizinho, baixaria, mas o povo gosta disso. O povo acha bonito. É marido esculhambando a mulher. Tudo da vida particular de cada um, assim, na televisão, para todo mundo ver. Lá na rua mesmo, qualquer coisa o povo chama o programa e aí é aquela zoada”.

Diante do exposto, a televisão é para os estudantes da EJA um meio que ensina não só a respeito de conteúdos, mas também sobre situações vivenciadas do dia-a-dia, e que aborda questões que os levam a pensar em atitudes e valores.

Sobre a experiência televisiva vivenciada pela estudante Jita, Baccega (2003, p. 99) ajuda-nos a desvelar, afirmando que a televisão faz parte da cultura na qual vivemos, editando o mundo e tornando impensável uma sociedade sem a sua presença, em outras palavras, a televisão serve também para fazer/criar cultura e não apenas para transmitir e divulgar.

A caminhada de leitura da nossa trilha metodológica e dos diálogos com os autores levaram-nos a pensar na necessidade de nos posicionarmos como sujeitos mais críticos e protagonistas quanto aos conteúdos da programação televisiva. Foi assim que a estudante Lita

nos emocionou, em poucas palavras, ao trazer, implicitamente, no seu discurso, o quanto a escola precisa intervir no processo de medição junto aos MCM: “Professora, lembrei de você nesta quinta. Estava assistindo o programa do Bocão e vi as cenas policiais: uma mulher falando do tio que abusou sexualmente do filho. Um horror! A senhora precisava ver! Bocão pedia para gente ligar, mandar mensagem pela Internet, dizendo a opinião da gente para o programa. Sabe, teve uma hora que fiquei pensando no encontro passado que teve aqui. Acho que o que passa em Bocão e a forma que ele fala todo mundo devia ver, olhar e tentar entender bem. Acho que a gente precisa entender bem o que a televisão faz para a gente assistir e aprender a lidar com isso!”

Diante do exposto, podemos constatar que a estudante clama por um processo de entendimento dos meios e de discussão dos conteúdos midiáticos. Entendemos a escola como este lugar de debate comunicacional, onde não só se devem reproduzir conhecimentos, mas também desenvolver a competência para produzi-los, tendo, com base nesta premissa, motivos mais que suficientes para tratar essa experiência criticamente, enriquecendo seu próprio fazer pedagógico e valorizando as experiências televisivas e de vida dos jovens e adultos.

Acerca da compreensão das mensagens do meio que a aluna Lita explicita em sua fala, Martín-Barbero (2004) nos diz que os exercícios do ver a experiência televisiva, os recursos próprios da linguagem audiovisual e a exploração de determinados conteúdos por este meio de comunicação é um tipo de conhecimento a que poucos têm acesso de forma clara e consciente. Entretanto, o referido autor destaca também o papel da televisão em colaborar para a construção de uma “visão de mundo” que “educa” seus telespectadores sobre conteúdos abordados e para aspectos de sua ideologia, de modo que estes se tornem acessíveis.

Continuando ainda a nossa interpretação da referida frase da aluna, Freire (1983), ao abordar a valorização das experiências de vida dos sujeitos e a comunicação, diz que “o mundo humano é um mundo de comunicação”. Com esta afirmação, o autor deixa claro que toda a comunicação é condição indispensável para o desenvolvimento humano e que precisa ser valorizada e discutida pela instituição escolar e, conseqüentemente, pelos educadores.

Junto a isso, Freire (1994, p. 29) convida a escola e os educadores a pensarem na articulação entre o saber e conhecimento ao afirmar que a leitura crítica “não dicotomiza o saber do senso comum do saber sistematizado, de maior exatidão, mas busca uma síntese dos contrários. O ato de estudar implica sempre o de ler; ler o mundo, ler a palavra e assim ler a leitura do mundo.”

Seguindo esta mesma linha de pensamento, defendemos que toda e qualquer forma de comunicação e leitura, inclusive a da televisão, deve passar pelo crivo da discussão e das leituras de mundo dos sujeitos. Assim, podemos também destacar a multiplicidade e profundidade dos ensinamentos diferentes ocorridos nas escolas da vida como espaços educativos da família, do trabalho, da televisão e da religião que, em sua organização e ideologia, vão atuando simultaneamente e mediando as relações de forma semelhante com os seus interlocutores/telespectadores.

Nesta perspectiva, compreendemos os jovens e adultos, aqui estudados, como aprendizes nas instituições e fora delas – em especial a televisão – em seus aspectos culturais, imaginários, simbólicos e históricos que são imprescindíveis no processo de ressignificação.

Buscamos, também, em nossa investigação, analisar a inserção da televisão nos processos educativos, bem como a leitura dos sujeitos da EJA a respeito dela. Sobre esta análise, os jovens e adultos afirmaram que a escola não trata dos temas televisivos. A estudante Jita nos diz que: “Dos assuntos da televisão a escola não fala. Não tem comparação, a televisão é mais real e informa mesmo sobre o que a gente precisa saber logo”.

Os jovens e adultos contemporâneos estabelecem íntimos e envolventes contatos com a televisão, fruto de sua vivência cotidiana e dos impactos que as imagens televisivas proporcionam em suas emoções e sensações, tornando-as cada vez mais reais. Entretanto, é na escola que os estudantes da EJA consideram que tal contato deveria se estabelecer de maneira clara e acessível. A estudante Exp afirma: “Eu acho que as escolas públicas têm condições de discutir mais sobre a televisão, mas não fazem! Seria importante se as escolas oferecessem para os alunos esta educação, para entenderem o que a televisão realmente diz”.

Neste contexto, ao lado da sedução praticada pela televisão ficam espaços vazios: o da criação e o da ressignificação. E quem será responsável por complementá-los ou colaborar numa ressignificação mais crítica do meio televisivo?

Pelo exposto, os alunos da EJA levam à escola o desafio de lidar com novas linguagens e de prepará-los para os conteúdos dos MCM. Uma das nossas conclusões é que a escola não tem sabido lidar efetivamente com a televisão, “um meio de comunicação de massa onipresente na vida de seus alunos.” (BACCEGA, 2003).

Prosseguindo as nossas reflexões sobre a televisão e a escola, pudemos constatar também, nas falas dos estudantes, que a televisão e a instituição escolar possuem papéis e ideologias distintas na sociedade, como afirma a estudante Ceo: “A televisão é que eu acho mais interessante do que as aulas. São diferentes. Uma é aquela realidade que acontece

naquele momento da aula, a outra é para futuro, sabe! A escola só quer saber do que tem em livro.”

A televisão detém um grande potencial de comunicação, motivo pelo qual se torna um lugar do saber admirado pelos nossos sujeitos da pesquisa. A escola não centraliza mais a admiração dos estudantes nem a transmissão do saber e da cultura, como fazia no passado, mas, por outro lado, cabe a ela a formação dos sujeitos.

Assim, mais uma vez, nos deparamos com a ausência de integração e preparo da instituição escolar para lidar com os meios de comunicação na educação. Junto a isso, evidencia-se a ausência de diálogo entre educação e comunicação, duas áreas de conhecimento que se complementam, conforme constata Freire (1983).

A estudante Ceo também ressalta a importância da intervenção da escola como mediadora do processo comunicacional televisivo. Sobre este assunto, Baccega (2003, p. 81) afirma que:

a importância da mediação da escola se dá porque, apesar de os alunos assistirem a televisão em clãs, esse fato – ver televisão – não é um momento; é, antes, um processo que antecede e continua o próprio ato. Antecede, pois a atribuição de significados, como vimos, está relacionada à cultura de quem assiste, e prossegue, pois reaparecerá em muitos outros cenários.

Martín-Barbero (2008), ao abordar experiência cultural e ao tratar do desafio da escola, afirma que, na América Latina, os povos estão se acercando da modernidade não pela mão do livro, mas com os formatos e os gêneros das indústrias culturais do audiovisual. E, neste ponto, vem o crucial desafio para a escola: se as instituições educativas não acompanham as mudanças ocorridas no mundo da informação e da comunicação, acentua-se essa defasagem entre a educação e os processos de transmissão de informação e de cultura.

Junto a isso, Martín-Barbero (apud BACCEGA, 2003, p. 79) complementa que é preciso estar atento para dois tipos de dinâmica que envolve a nossa sociedade: a primeira, o ecossistema comunicativo, e a segunda, a comunicação, esta ultrapassando os grandes meios, visto que é um ambiente de informação e conhecimentos disseminados na sociedade.

De acordo com esta linha de pensamento, é imprescindível para a escola ultrapassar o costume de utilizar a televisão como mero instrumento de forma linear, o que reduz as possibilidades de sua utilização como verdadeiro processo de “uma nova cultura que a escola precisa respeitar e com a qual tem que saber conviver para que possa ter êxito” (BACCEGA, 2003, p. 81). Para tanto, é preciso conhecer a televisão.

Sobre a mídia televisiva, Ferrés (1998, p. 275) considera que:

a televisão pode ser um instrumento libertador. Será isso, quando for uma experiência integralizadora, quando unir opostos, quando revolver a dualidade que é a pessoa. Quando permitir que a racionalidade e a emotividade interajam de maneira lúcida, as mensagens do meio e as mensagens ao meio.

Diante dos desafios aqui expostos, o papel dos educadores neste processo de educação para as mídias é o de mediador que busca uma escola comprometida com o seu tempo e que deve refletir sobre sua práxis e abrir mão de trabalhar para o fomento de práticas escolares baseadas na memorização. O professor deve ser o mediador de um processo que leve o aluno ao uso pleno de sua capacidade de leitor criativo e consciente do que tem a sua volta e das emoções que o despertam, ou seja, o mediador que aceite o estudante da EJA com suas experiências de vida e de suas escolhas.

Nosso percurso de pesquisa foi, concomitantemente, longo e curto: extenso em termos de leituras a cumprir, tarefas a realizar, textos a formular, analisar, discutir, planejar etc. e tudo em um breve e limitado espaço de tempo em relação à profundidade que o tema televisão e os sujeitos envolvidos requerem. Consideramos que o tempo sempre nos trai. Confrontando o que desenvolvemos ao longo de dois anos com os objetivos a que nos propusemos, acreditamos ter conseguido plantar sementes, desvelar medos, falar dos meios de comunicação e sobre aspectos da mediação e televisão na Educação de Jovens e Adultos certos de que para, ressignificar é preciso, antes de tudo, um processo de conscientização e de leitura de mundo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania** (Revista de Educação de Jovens e Adultos). São Paulo, n. 11, abr. 2001.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem: Discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. Educação para a mídia: missão urgente da escola. **Revista de Estudos de Comunicação**, [S.I.], v. 10, n. 17, ago. 1991, p. 33-45.

_____. Infância, máquinas e violências. **Reunião Anual da ANPED**, 26, 2003, Poços de Caldas. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semarialuizabelonni.doc>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa na educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BOLAÑO, Sergio Ricardo Ciqueira (Org.). Globalização e Regionalização da Comunicação. In: _____. **Economia Política, Globalização e Comunicação**. São Paulo: EDUC - Universidade Federal de Sergipe, 1999.

_____. Globalização e Regionalização da Comunicação. In: GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia e Democracia**. Porto Alegre: [s.n.], 2005.

CARLOS, Ana F. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Redes**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARLOT, Bernard. Educação e Globalização: Uma tentativa de colocar ordem no debate. **Sísifo** (Revista de Ciências da Educação), n. 4, 2007, p. 129-136. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 01 out. 2010.

CHARLOT, Bernard. O sujeito e a relação com o saber. In: BARBOSA, Raquel Lazarri Leite. **Formação de professores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003.

DAMIANI, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana. F. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 161-186.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 7. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Assistencialismo midiático: uma nova estratégia de legitimação social**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/4242/4324>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. 45. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia e Democracia**. Porto Alegre, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAURITI, Nádia C. **Comunicação e Educação**: Território de Interdiscursividade. [S.I.: s.n.], 1998. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html>>. Acesso em: 26 out. 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 2002.

MACHADO, Arlindo. **Televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, v. XXIII, n. 1, p. 151-163, jan./jul. 2000.

_____. Desafios culturais da comunicação à educação. In: BACCEGA, M. A. **Televisão e escola**: uma mediação possível? São Paulo: Senac, 2003.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia, 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **Os Exercícios do Ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2. ed. São Paulo: UFRJ, 2004.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org). **A sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MATOS OLIVEIRA, Maria Olivia. Representações Sociais Docentes sobre a mídia: aproximações e distanciamentos. **Educação e Contemporaneidade** (Revista da FAEEBA), Salvador, v. 18, n. 32, p. 211-220, jul./dez. 2009.

_____. Representações Sociais Docentes sobre a mídia: aproximações e distanciamentos. In: OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia de meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos do conhecimento e da aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/youth/doc/not/libro286/libro286.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia de meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mdiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. Mídia, Educação e Recepção. **Revista Famecos**. Porto Alegre: [s.n], 2005.

_____. Mídia, Educação e Recepção. In: MATOS OLIVEIRA, Maria Olivia. Representações Sociais Docentes sobre a mídia: aproximações e distanciamentos. **Educação e Contemporaneidade** (Revista da FAEEBA), Salvador, v. 18, n. 32, p. 211-220, jul./dez. 2009.

_____. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipo. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (10): 57 a 68, set./dez. 1997.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Por outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Nome: _____ Idade: _____ Série: _____

Escola: _____

Profissão: _____

1) Você gosta de assistir à televisão?

- a) () Sempre
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não assiste

2) De segunda à sexta-feira, em qual horário você costuma assistir a seus programas prediletos?

- a) () Manhã
- b) () Tarde
- c) () Noite
- d) () Qualquer horário
- e) () Não assiste à televisão

3) E nos finais de semana?

- a) () Manhã
- b) () Tarde
- c) () Noite
- d) () O dia todo
- e) () Não assiste à televisão

4) Quanto tempo você dedica à televisão?

- a) () Menos de 1 hora por dia
- b) () 1 hora por dia
- c) () De 2 a 3 horas por dia
- d) () 4 horas por dia
- e) () Mais de 4 horas por dia

5) Em casa, quanto tempo você dedica aos estudos?

- a) () Menos de 1 hora por dia
- b) () 1 hora por dia
- c) () De 2 a 3 horas por dia
- d) () 4 horas por dia
- e) () Não estuda em casa

6) Você geralmente assiste à televisão:

- a) () Sozinho
- b) () Com os filhos
- c) () Com amigos
- d) () Com os irmãos
- e) () Com os pais ou parentes

7) De que forma você se mantém informado sobre acontecimentos da atualidade?

- a) () Rádio
- b) () Televisão (telejornais)
- c) () Jornal ou revista
- d) () Bate-papo com os amigos
- e) () Com os professores na escola

8) Escreva o nome dos programas que você gosta de assistir na ordem de sua preferência:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

9) O que mais lhe chama a atenção em um programa televisivo?

(Você pode marcar mais de uma alternativa)

- a) () Humor
- b) () Romance
- c) () Luta do bem contra o mal
- d) () Conteúdos informativos
- e) () Ação e aventura
- f) () Violência
- g) () Conteúdos educativos
- h) () Jogos e músicas
- i) () Imagens da periferia
- j) () Artistas bonitos e famosos

10) Você acha que os programas televisivos transmitidos na Bahia com linguagem violenta podem contribuir com o aumento da agressividade entre os jovens e adultos?

- a) () Sim
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não

Explicite seu ponto de vista.

11) Quais os programas televisivos transmitidos na Bahia que você conhece?

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

12) Quando você não entende algo que viu na televisão, você discute esse assunto com:

- a) () Seus pais
- b) () Seus irmãos
- c) () Seus amigos
- d) () Seus professores
- e) () Não pergunta

13) Os professores comentam os programas de televisão na escola?

- a) () Sempre
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não faz comentário

14) O que acha dos comentários feitos pelo professores sobre o assunto?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA 2

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Nome: _____ Idade: _____ Série: _____

Escola: _____

Profissão: _____

1) Você gosta de assistir à televisão?

- a) () Sempre
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não assiste

2) De segunda à sexta-feira, em qual horário você costuma assistir a seus programas prediletos?

- a) () Manhã
- b) () Tarde
- c) () Noite
- d) () Qualquer horário
- e) () Não assiste à televisão

3) E nos finais de semana?

- a) () Manhã
- b) () Tarde
- c) () Noite
- d) () O dia todo
- e) () Não assiste à televisão

4) Quanto tempo você dedica à televisão?

- a) () Menos de 1 hora por dia
- b) () 1 hora por dia
- c) () De 2 a 3 horas por dia
- d) () 4 horas por dia
- e) () Mais de 4 horas por dia

5) Em casa, quanto tempo você dedica aos estudos?

- a) () Menos de 1 hora por dia
- b) () 1 hora por dia
- c) () De 2 a 3 horas por dia
- d) () 4 horas por dia
- e) () Não estuda em casa

6) Você geralmente assiste à televisão:

- a) () Sozinho
- b) () Com os filhos
- c) () Com amigos
- d) () Com os irmãos
- e) () Com os pais ou parentes

7) De que forma você se mantém informado sobre acontecimentos da atualidade?

- a) () Rádio
- b) () Televisão (telejornais)
- c) () Jornal ou revista
- d) () Bate-papo com os amigos
- e) () Com os professores na escola

8) Escreva o nome dos programas que você gosta de assistir na ordem de sua preferência:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

9) O que mais lhe chama atenção em um programa televisivo?

(você pode marcar mais de uma alternativa)

- a) () Humor
- b) () Romance
- c) () Luta do bem contra o mal
- d) () Conteúdos informativos
- e) () Ação e aventura
- f) () Violência
- g) () Conteúdos educativos
- h) () Jogos e músicas
- i) () Imagens da periferia
- j) () Artistas bonitos e famosos

10) Você acha que os programas televisivos transmitidos na Bahia com linguagem violenta podem contribuir com o aumento da agressividade entre os jovens e adultos?

- a) () Sim
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não

Explique seu ponto de vista.

11) Quais os programas televisivos transmitidos na Bahia que você conhece?

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

12) Quando você não entende algo que viu na televisão, você pergunta para:

- a) () Seus pais
- b) () Seus irmãos
- c) () Seus amigos
- d) () Seus professores
- e) () Não pergunta

13) Os professores comentam os programas de televisão na escola?

- a) () Sempre
- b) () Às vezes
- c) () Pouco
- d) () Raramente
- e) () Não faz comentário

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O
APRESENTADOR JOSÉ EDUARDO
DO PROGRAMA *SE LIGA BOCÃO***

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DISSERTAÇÃO: TELEVISÃO E MEDIAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA EJA
EM BOA VISTA DO LOBATO**

1. Seu programa tem um grande índice de audiência na Bahia. Você pode indicar a média de audiência atual?
2. Em sua opinião, o que levou o público a escolher o seu programa como o preferido? E o que te aproxima deste público?
3. Como é estruturada a pauta para o programa *Se liga Bocão*? Por que este nome?
4. Qual o público alvo do programa? Qual o objetivo?
5. O que tem no programa que atrai os jovens e adultos a assistirem ao programa?
6. Como você vê o papel da mídia televisiva, em especial do seu programa, na vida dos sujeitos soteropolitanos?
7. Até que ponto a televisão potencializa comportamentos positivos ou negativos dos sujeitos jovens e adultos?
8. O que você considera como ponto culminante do seu programa?

APÊNDICE D – CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, autorizo, para os devidos fins, os direitos dos depoimentos falados e escritos acerca da minha história de vida, trabalho, estudo e relação com a televisão, realizados pela mestrandia Aldaci Santos Lopes, podendo ela usá-los na sua dissertação de mestrado, apresentações e/ou publicações.

Salvador, ____ de _____ de _____.

Assinatura do estudante

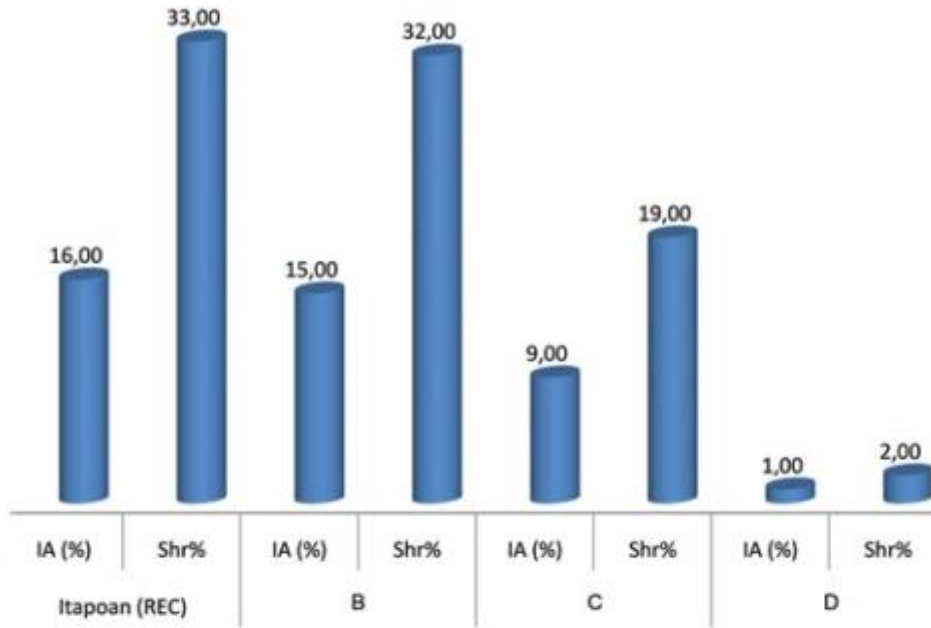
ANEXOS

ANEXO A



Fonte: <http://www.google.com.br>.

ANEXO B



IBOPE MEDIA WORKSTATION (MW), 01/Març - 11/Mai/2010, TOTAL DE DOMICÍLIOS, PRAÇA: SALVADOR.

